



ÉMILIE CASTELLAR

AFETO CORPO
CORPORALIDADES ARTÍSTICAS NO COTIDIANO

Brasília - DF

2018

ÉMILIE CASTELLAR

AFETO CORPO
CORPORALIDADES ARTÍSTICAS NO COTIDIANO

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade de Brasília,
como parte das exigências para a obtenção
do título de bacharel em Artes Visuais.

Prof. Cristina Azra Barrenechea

Brasília - DF

2018

ÉMILIE CASTELLAR

AFETO CORPO
CORPORALIDADES ARTÍSTICAS NO COTIDIANO

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade de Brasília,
como parte das exigências para a obtenção
do título de bacharel em Artes Visuais.

Brasília, 28 de Novembro de 2018.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Cristina Azra Barrenechea
IDA/ UnB - Orientadora

Me. Patrícia Teles Sobreira de Souza
PPGAV/ IDA/ UnB - Membro

Prof. Tatiana Nascimento dos Santos
NEDIG/ CEAM/ UnB - Membro

RESUMO

A subjetividade se expressa pelos afetos e violências sofridos pelos indivíduos pertencentes as minorias. Os corpos entendidos como estranhos são excluídos e agredidos por uma sociedade intolerante e precisam se reafirmar para sobreviver, para isso constroem identidades individuais e comunidades. A humanidade ainda não se definiu como coletivo e existem obstáculos a serem enfrentados para permitir que todos tenham acesso aos direitos humanos e sejam capazes de se desenvolver livremente.

Palavras-chave: Afetividade. Exclusão. Teoria queer. Corpo. Deficiência. Violência. Identidade

SUMMARY

Subjectivity is expressed by the affections and violence suffered by individuals belonging to minorities. Bodies understood as outsiders are excluded and attacked by an intolerant society and need to reaffirm themselves in order to survive, for this they build individual identities and communities. Humanity has not yet been defined as collective and there are obstacles to be faced to enable everyone to have access to human rights and to be able to develop freely.

Keywords: Affectivity. Exclusion. Queer theory. Body. Disability. Violence. Identity

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1	Espectros pessoais.	13
Ilustração 2	Explanação de espectros	14
Mapa mental 1	Modificação Corporal	15
Mapa mental 2	Sentimentos	16
Mapa mental 3	Como o outro trata nossos corpos	17
Mapa mental 4	Como habitar o mundo	18
Mapa mental 5	Corpo e humanidade	19
Fotografia 1	Costas	42
Fotografia 2	Ombro.	43
Fotografia 3	Detalhe da obra Mapeando (des)cobertas	44
Fotografia 4	Detalhe da obra Mapeando (des)cobertas	45
Fotografia 5	Detalhe da obra Mapeando (des)cobertas	45
Fotografia 6 colaboradores	Mapeando (des)cobertas, obra antes da participação dos	46
Fotografia 7 (des)cobertas	Colaborador acrescentando relato na obra Mapeando	46
Fotografia 8	Detalhe da obra Mapeando (des)cobertas	47
Fotografia 9	Detalhe da obra Mapeando (des)cobertas	47
Fotografia 10	Detalhe da obra Mapeando (des)cobertas	48
Fotografia 11 colaboradores	Mapeando (des)cobertas, obra depois da participação dos	48

SUMÁRIO

1	APRESENTAÇÃO	08
2	JUSTIFICATIVA	09
3	PRODUÇÃO DE PESQUISA	11
4	OBJETO	20
5	OBJETIVOS	20
5.1	Geral	20
5.2	Específicos	20
6	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: CONSTRUÇÃO DA REALIDADE	21
6.1	Construção social e cultura	21
6.2	Socialização	22
6.3	Linguagem	22
6.4	Performance do papel social e identidade	23
6.5	Teoria <i>queer</i>	24
6.5.1	Gênero	25
6.5.2	Sexualidade	26
6.6	Mídia	27
6.7	Construção do espaço e modificação do mundo	27
6.8	Impor seu corpo no espaço	28
6.9	Cidades	28
6.10	Instituições	29
7	ANÁLISE DE DADOS	30
7.1	Exclusão	30
7.1.1	Discurso	31
7.1.2	Violência	31

7.1.3	Invisibilidade	31
7.1.4	Abandono Afetivo	32
7.1.5	Desigualdade	32
7.1.6	Medo	33
7.1.7	Patologização	34
7.1.8	Marginalização e Criminalização	34
7.1.9	Desumanização	35
7.2	Corpos estranhos	35
7.2.1	Corporalidade	36
7.2.2	Afeto	38
7.2.3	Lógica da Diferença	39
7.2.4	Sentimentos, Expressão e Arte	41
7.2.5	Obra Prática	43
7.2.6	Identidade	49
7.2.7	Agrupamento	50
7.2.8	Acessibilidade e Inclusão	50
7.2.9	Lugar de Fala/ Interseccionalidade	50
8	CONCLUSÃO	51
9	REFERÊNCIAS	53
9.1	Referências do <i>Youtube</i>	53
9.1.1	Canais:	53
9.1.2	Documentários	54
9.1.3	Vídeos	54
9.2	Referências de leitura	54

10	APÊNDICE	56
10.1	Mapa de experiências	56
10.1.1	Relato número 1 data 02/04/2018	56
10.1.2	Relato número 2	56
10.1.3	Relato número 3	57
10.1.4	Relato número 4	57
10.1.5	Relato número 5	57
10.1.6	Relato número 6, 24/10/2018	58
11	ANEXOS	59
11.1	Mapa de experiências	59
11.1.1	Relato número 7	59
11.1.2	Relato número 8	59
11.1.3	Relato número 9	59

1 APRESENTAÇÃO

O presente projeto busca compreender a subjetividade por trás dos corpos estranhos no processo de apagamento que a exclusão gera. Essa subjetividade se expressa nos afetos que constroem os corpos e identidades, mas também na violência e exclusão sofridos. A dimensão de apagamento por meio da exclusão simbólica e física, que são cotidianas, se tornou muito marcante na coleta da pesquisa, por isso busquei compreender os mecanismos de violência sofridos por mim e pelos sujeitos estudados, bem como o impacto dessa exclusão vivida e as respostas que surgiram em nossa construção identitária.

Na pesquisa busquei ouvir relatos de pessoas pertencentes a minorias e grupos excluídos, além de registrar minhas próprias experiências, para identificar situações em comum, e categorizar mecanismos de exclusão e respostas organizadas no sentido de gerar estratégias de resistência.

A exclusão é um fenômeno abrangente, por isso o estudo não se limitou as questões de gênero e sexualidade. Utilizei o conceito de espectro para permitir uma abordagem mais ampla do que seria possível com um olhar binário ou dicotômico. A partir dos espectros é possível perceber que os sujeitos estudados não estão limitados a um único grupo marcado por características restritas e estáveis, mas possuem diversas intersecções entre grupos e suas características.

2 JUSTIFICATIVA

Tive desde muito cedo na infância essa sensação de ser um corpo estranho no mundo, de quebrar regras desconhecidas sem compreender a razão. Eu estava apenas existindo, o que por si só parecia uma transgressão. A quebra dessas regras não ditas causa desconforto e confusão; situações de estranhamento formam noções de moral e comportamento adequado quando as crianças reprimem seus impulsos por vergonha ou medo.

Com o tempo fui me tornando sensível aos outros corpos e pessoas estranhas. Tenho uma necessidade quase obsessiva de entender as outras pessoas e suas maneiras particulares de viverem e verem a realidade. Apliquei essa curiosidade empática principalmente nos grupos mais rejeitados, talvez por me identificar mais entre eles, mas também por acreditar que essas vidas são valiosas e únicas.

Percebi que dependia de mim buscar informações sobre essas pessoas, porque a sociedade não as representa de maneira adequada ou simplesmente não as representa. Ouvir ou ler seus relatos me possibilita conectar com suas existências, me faz um ser humano melhor e mais atento às necessidades e sensibilidades alheias.

Esse processo de descoberta do outro também é muito importante para minha própria construção de identidade, me ajuda encontrar referências fora do tradicional e assim me respeitar mais e me permitir uma expressão mais livre. Muitas vezes a partir da descoberta do outro eu me descobri em algo que já havia sido reprimido. A identificação me permitiu estar em alguma comunidade, acolhendo e sendo acolhida, a partir da compreensão de que não sou a única pessoa passando por uma jornada de descobertas e que compartilhar minhas experiências pode ajudar outros a se identificarem, construir estratégias e ferramentas para interpretar sentimentos e assim respeitarem suas próprias necessidades. As conexões e trocas nos fortalecem enquanto comunidade.

Durante o curso de artes visuais tive a possibilidade de tratar e digerir muitos processos reprimidos da infância, rever traumas e situações, várias delas que me encaminharam a realizar essa pesquisa. O processo de produzir uma obra para mim é de certa forma um processo digestivo de pensamentos, emoções e sentimentos que precisam se expressar de alguma forma.

A arte e outras formas de expressão mais cotidianas, como vestimenta e estilo de cabelo são as ferramentas de resistência que eu desenvolvi inconscientemente, para que pudesse sobreviver num sistema excludente. Eu entendia que cortar o cabelo, pintar o corpo com jenipapo¹ e até usar determinadas roupas eram formas de alterar o corpo e por isso me interessei em pesquisar modificações corporais. Descobri que os aspectos das modificações mais importantes para mim eram os processos emocionais, psicológicos e afetivos da modificação e não necessariamente o ato material em si.

Comecei essa pesquisa procurando como o afeto e o carinho marcavam e construíam os corpos e identidades, mas durante o desenvolvimento encontrei mais situações de violência e exclusão do que de afeto. Em um momento político tão crítico como o que nos encontramos no Brasil, onde ressurgem discursos fascistas e extremistas e pessoas acreditam que a eliminação de minorias é essencial para melhorar o país, é extremamente necessário falarmos sobre o assunto. Para progredirmos de alguma forma como coletividade precisamos entender que é inaceitável desrespeitar a vida de qualquer indivíduo.

Espero com essa pesquisa explorar caminhos investigativos que contribuam para os estudos de gênero e direitos humanos, que ampliem as visões sobre diferença, diversidade e sobre a natureza humana. Assim como ressaltar a importância dos indivíduos que sofrem constantes tentativas de apagamento e tornar consciente de suas existências, desejo acolher e estar perto, dar voz e ação a mim mesma, somar a tantas outras vozes e corpos estranhos. Quero que a humanidade seja capaz de despertar seus melhores potenciais e que as pessoas não sejam mais tolhidas de se desenvolverem e sim motivadas a descobrir a vida e o mundo de sua própria maneira.

¹ Jenipapo de trata de um fruto utilizado pelos indígenas da América do Sul para realizar pinturas corporais e tingir tecidos. Quando verde, possui pigmento que oxida, tornando-se azulado.

3 PRODUÇÃO DE PESQUISA

Neste trabalho analisei situações marcantes na minha vida, tanto as de afeto quanto as de violência, e pesquisei relatos da experiência pessoal de outros indivíduos pertencentes a minorias variadas. Identifiquei pontos em comum nessas experiências e classifiquei as ferramentas, tanto de exclusão quanto de resistência, em categorias. Processos de exclusão foram chamados de ferramentas de exclusão; a sociedade capitalista, machista, hétero e cisnormativa necessita de diversas ferramentas para se manter estável, a exclusão de determinados indivíduos é defendida por um discurso que sustenta a naturalidade desse próprio sistema, justifica seu funcionamento.

A partir da análise dos processos de exclusão dentro das experiências relatadas, também foi possível identificar estratégias de sobrevivência utilizadas pelas minorias assim como ferramentas para criar autonomia sobre o próprio corpo e identidade; essas foram chamadas ferramentas de resistência.

Os relatos para análise não foram colhidos a partir de entrevistas, a principal fonte de conteúdo foram *blogs* e vídeos no *Youtube*. Esse tipo de coleta parte de uma proposta mais fluída de levantamento de dados, que se iniciou no meu próprio processo de encontrar referências que fossem mais positivas para desconstruir preconceitos. A escolha de usar essas fontes para minha coleta de dados se apoia na percepção que o compartilhamento virtual tem formado comunidades globais e interculturais, onde as informações propagadas são o contato de autodescoberta de muitas pessoas.

Foram chamados corpos estranhos todos aqueles que fogem do padrão esperado de normalidade de duas principais formas: primeiro pela estrutura física, como no caso de pessoas gordas, negras, ou com deficiências físicas, como surdos, pessoas amputadas, paraplégicas ou com doenças crônicas. E pelo desvio de compreensão do mundo e socialização, como neuroatípicos, LGBT², indivíduos dentro do espectro autista. Assim como vários grupos estão mesclados nas duas categorias.

A escolha do termo “estranhos” parte da minha identificação como uma pessoa estranha, diferente, e pela observação de sujeitos que ocupam um lugar social considerado de grupos excluídos. “Estranhos” aqui ressalta diferença e se relaciona

² Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros.

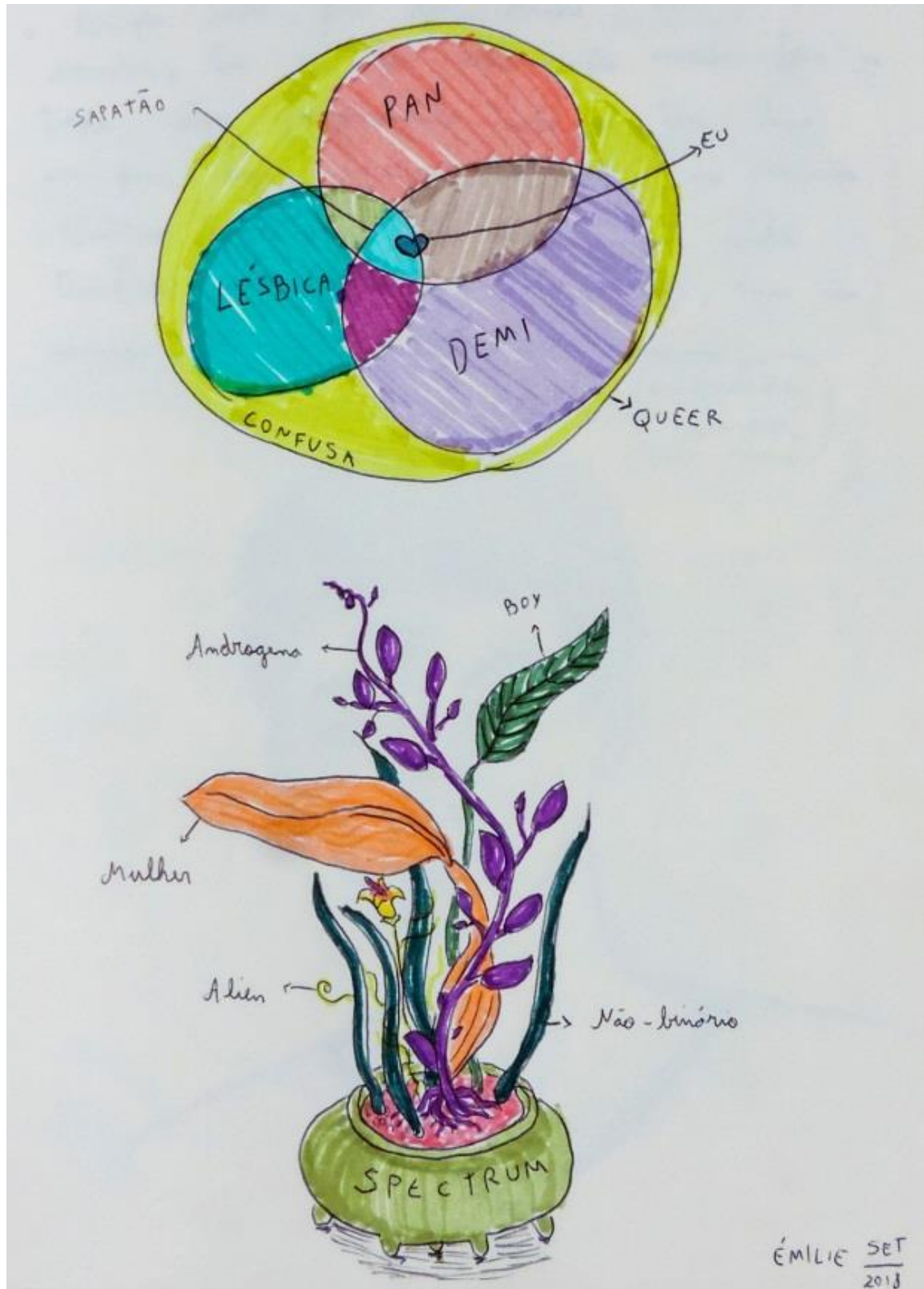
com a *teoria queer*³, apesar de não ter surgido como tradução do termo *queer*. O estranho é algo incomum, não pertencente a um espaço, categoria ou situação.

Espectros são definições mapeadas em múltiplos pontos que podem incluir características mistas de diferentes categorias. As concepções ocidentais quase sempre são binárias. Dicotomias como certo e errado são caixas fechadas e restritas que não dão espaço suficiente para a complexidade real do mundo. Uma alternativa ao binarismo são os espectros, que ampliam as possibilidades de conceituação.

O termo tem sido utilizado em diferentes categorias para ressaltar que indivíduos pertencentes a um mesmo grupo são heterogêneos, vivem diferentes contextos e são únicos. A perda de audição e de visão, por exemplo, são entendidas dentro de espectros, assim como as características do autismo. Nas discussões LGBT muitas pessoas têm construído espectros para representar mais adequadamente suas identidades, assim ao invés de um único nome carregado de estereótipos, existem possibilidades mais livres; outro aspecto da representação visual dos espectros é a possibilidade de criar gráficos e imagens mais explicativos.

No meu processo de identificação tive muitos conflitos sobre rótulos e tenho dificuldade em me sentir pertencente a grupos, principalmente com categorias restritas, encontrar espectros de outras pessoas me fez sentir menos inadequada. A partir de um vídeo do youtuber não-binário Ash Hardell, autor do livro *ABC's of LGBT* (2017) - onde ele aborda identidades de gênero e sexualidade pouco ou muito conhecidas e a existência dos espectros - construí representações que me permitiram sentir identificada de maneira confortável pela primeira vez.

Como ferramenta didática, alguns artistas têm feito modelos pré-prontos que ajudam as pessoas a se classificarem e entenderem questões sobre identidade de gênero e sexualidade. Os espectros e os modelos são pensados para todas as pessoas e não são restritos a comunidade LGBT. O *genderbread* é um dos gráficos que ficou famoso, apresentando geralmente uma forma como um biscoito de gengibre, uma silhueta de corpo humano que não remeta visualmente a nenhum gênero, e algumas linhas com espaço para serem preenchidas em identidade de gênero, sexualidade, expressão, atração romântica. Uma das versões mais cuidadosa de *genderbread* é o *Unicórnio de Gênero*.

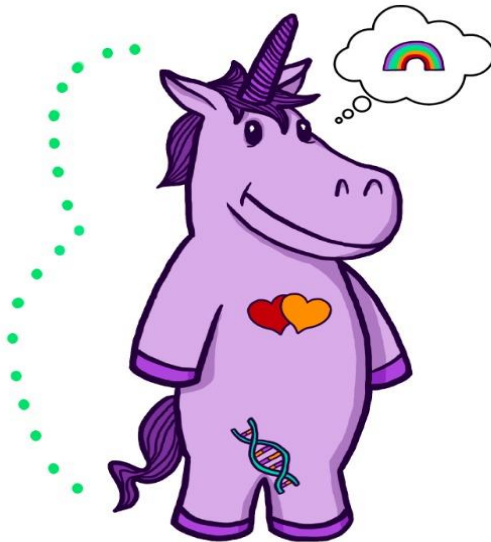


Trabalho autoral, 2018.

Ilustração 2 – Explicação de espectros

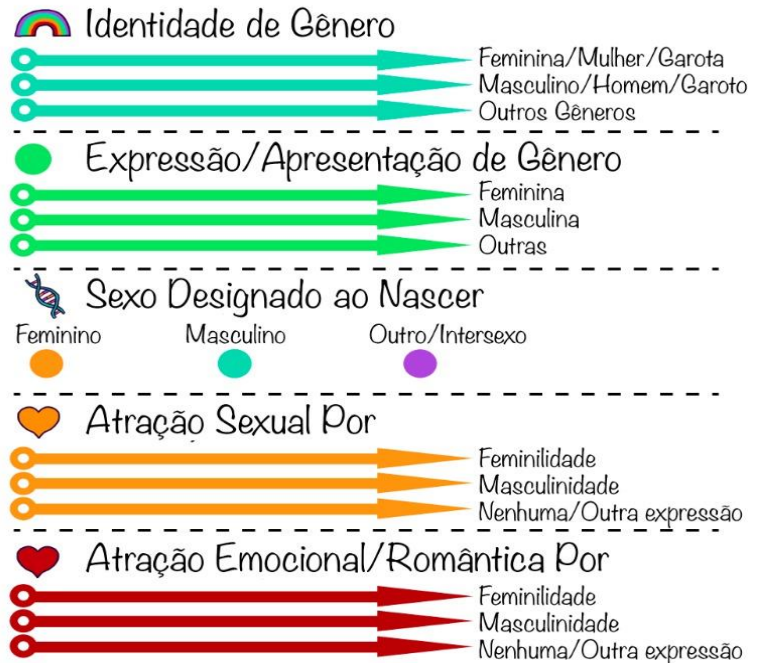
O Unicórnio de Gênero

Gráfico por:
TSER
Trans Student Educational Resources



Para saber mais, vá até:
www.transstudent.org/gender

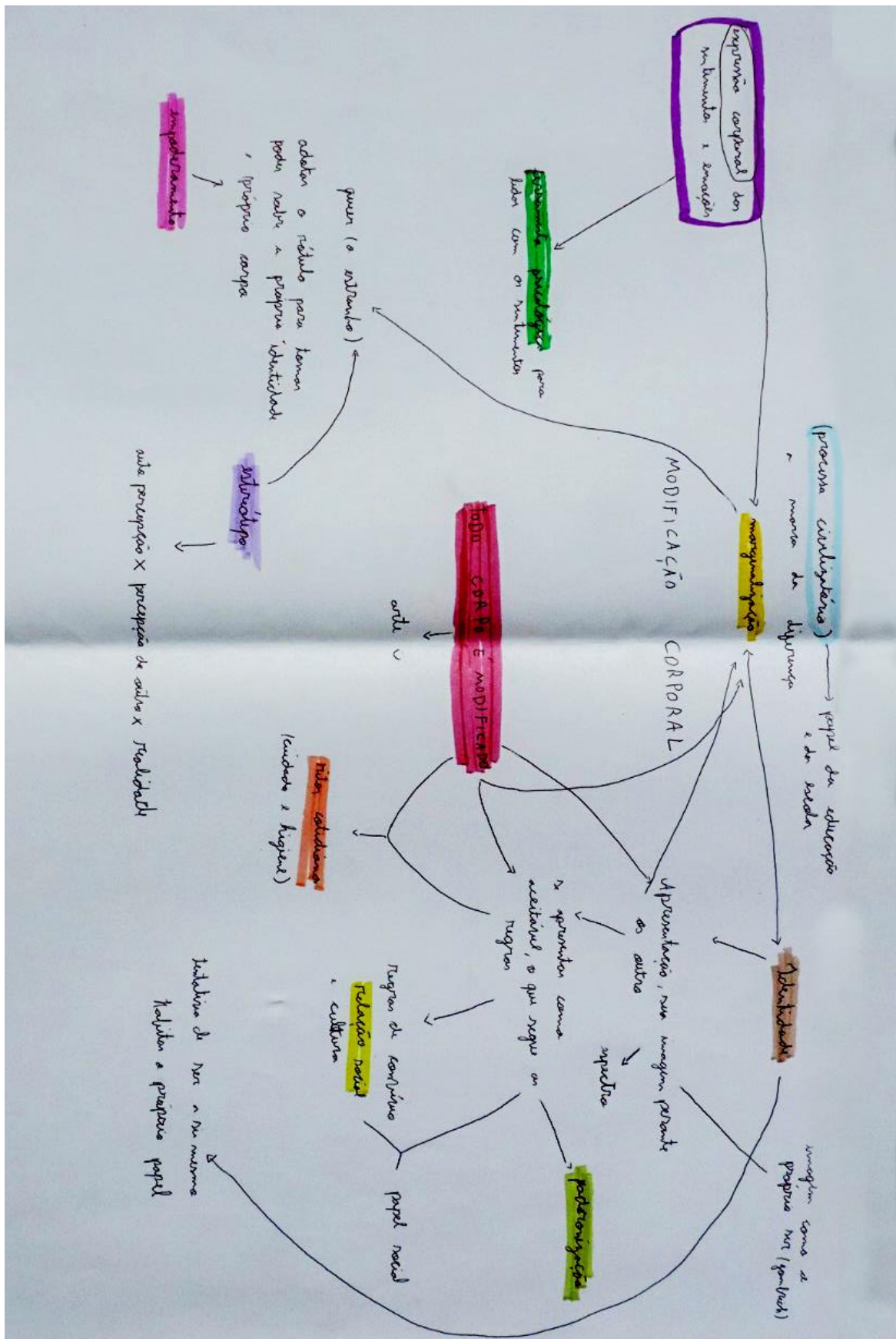
Design by Landyn Pan



TSER, diversos autores, 2016.

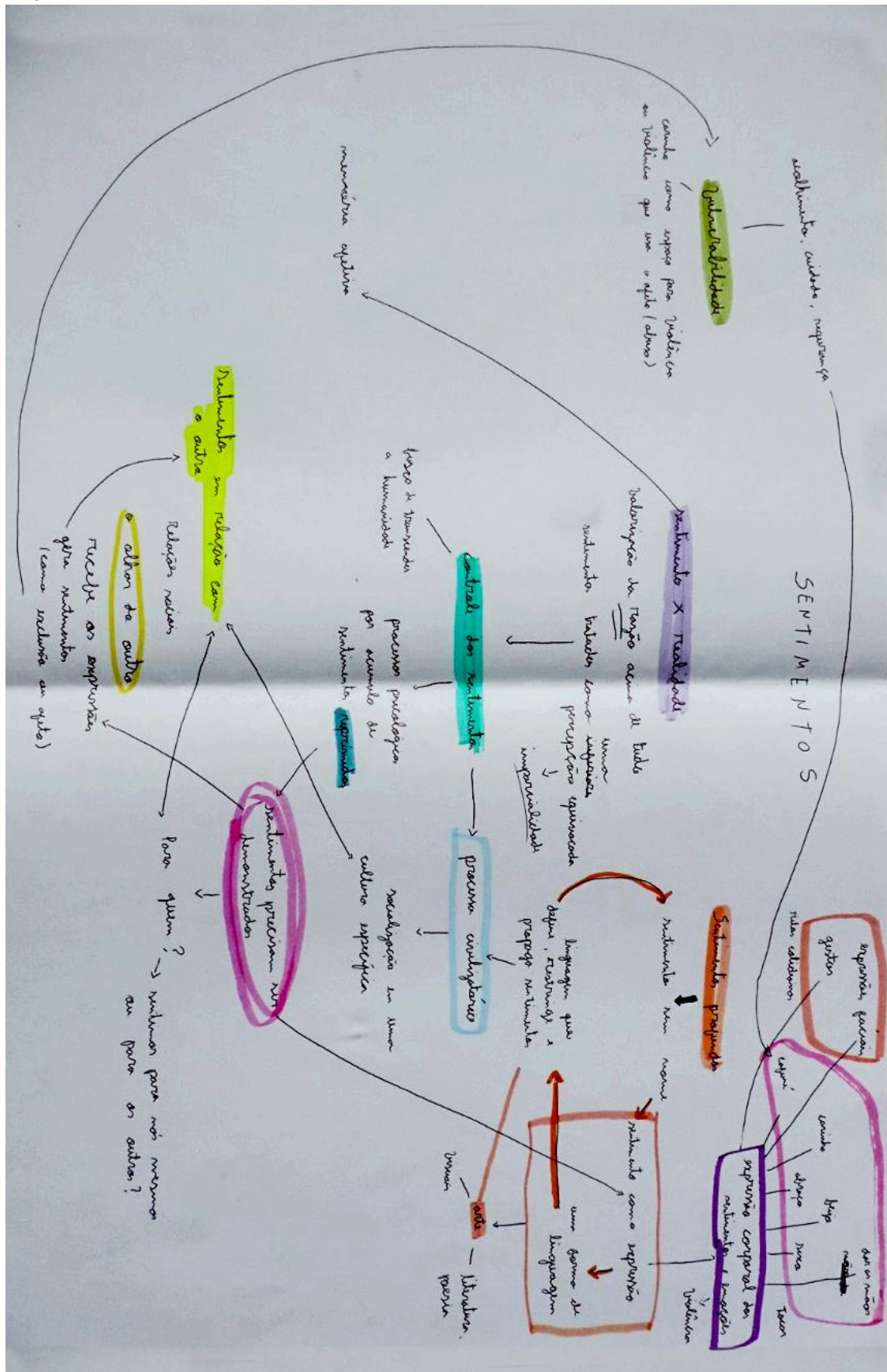
Mapeamento mental foi uma ferramenta essencial na estruturação desse trabalho devido a minha própria forma de pensar, que não é linear, e também pela complexidade dos assuntos. Por serem simplificados visualmente os mapas permitem um olhar amplo e direto sobre as relações entre categorias. Os espectros também são muito apresentados como gráficos de mapeamento mental – ou mapeamento de identidade-, então as duas linguagens se relacionam bem. Alguns aspectos que foram perdidos na transcrição linear podem ser encontrados nos cinco mapas que me auxiliaram na análise de dados e categorização.

Mapa mental 1 – Modificação Corporal



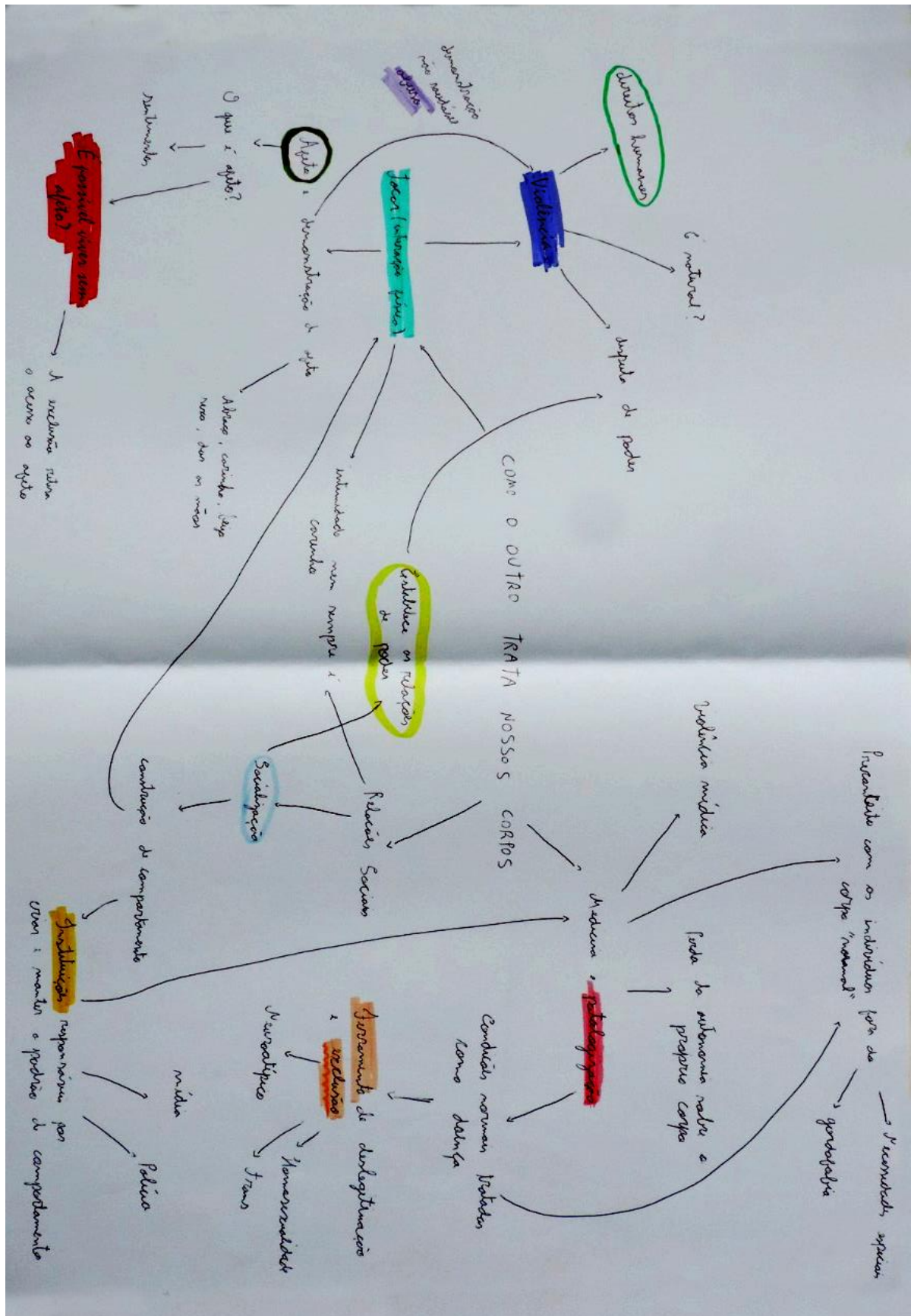
Trabalho autoral, 2018.

Mapa mental 2 – Sentimentos.

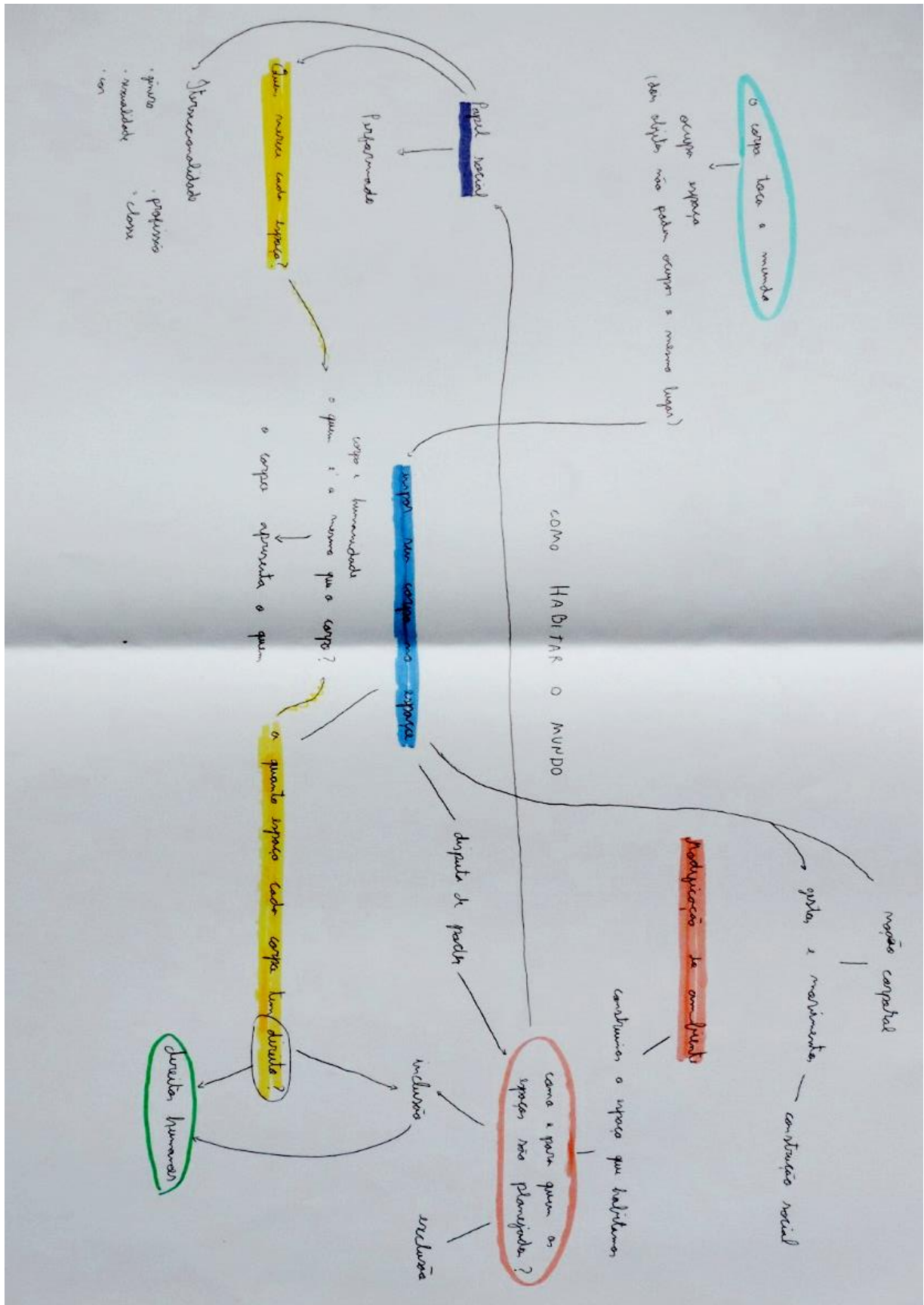


Trabalho autoral, 2018;

Mapa mental 3 – Como o outro trata nossos corpos.

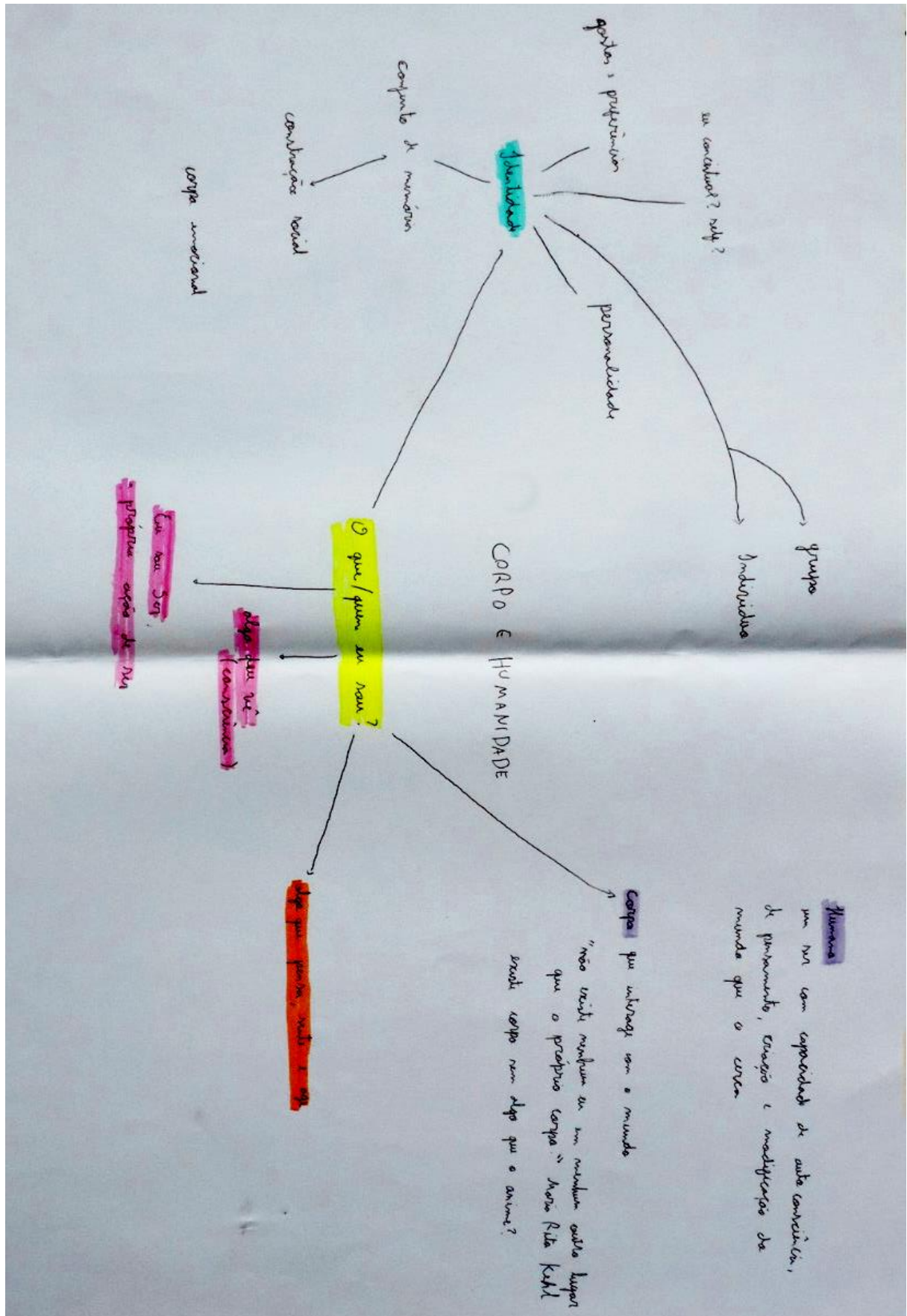


Mapa mental 4 – Como habitar o mundo



Trabalho autoral, 2018.

Mapa mental 5 – Corpo e humanidade.



Trabalho autoral, 2018.

4 OBJETO

Com essa pesquisa procuro me conectar com a subjetividade das pessoas por trás dos corpos estranhos. Por questões de preconceito e muitas vezes pelo próprio processo de conceituação e nomeação são criados muitos estereótipos que na maioria das vezes não correspondem aos indivíduos que são taxados com eles, gerando apagamento desses indivíduos. Sei que não é possível alcançar plenamente a subjetividade do outro, nem catalogar ou medir, mas eu gostaria de saber quais são as necessidades dessas pessoas, quais as particularidades, o que é importante na vida delas, o que as fere, e construir minha maneira de ser no mundo incluindo essas perspectivas fora do meu campo de vivência.

5 OBJETIVOS

5.1 GERAL

1- Compreender os processos e experiências de afeto e exclusão dos corpos considerados estranhos.

5.2 ESPECÍFICOS

- 1- Registrar, observar e categorizar minhas experiências de estranhamento.
- 2- Coletar, observar e categorizar relatos de indivíduos pertencentes a grupos excluídos.
- 3- Identificar ocorrências de exclusão ou resposta a exclusão em comum nas experiências analisadas.
- 4- Sistematizar as ocorrências a partir de um sistema de espectros que permita mapear tanto as ocorrências quanto suas interrelações.
- 5- Analisar as categorias no contexto da estrutura social que estabelece e mantém a exclusão dos indivíduos pertencentes a minorias.
- 6- Subsidiar a minha pesquisa de linguagem artística e expressão no mundo a partir da conexão entre experiências de diversos indivíduos.

6 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: CONSTRUÇÃO DA REALIDADE

6.1 CONSTRUÇÃO SOCIAL E CULTURA

A realidade já foi explicada e transmitida a partir de mitos, crenças, lendas e deuses que foram parcialmente substituídos pelas explicações científicas e estudos. Parcialmente porque os mitos ainda compõem parte importante da vida cotidiana e ainda existem pessoas que se guiam mais pela fé religiosa do que por produções acadêmicas, que muitas vezes nem chegam ao seu conhecimento ou entendimento.

Tudo que acreditamos foi construído de alguma forma, assim não existe uma única palavra que não carregue algum tipo de carga ideológica e cultural. Um ponto que reforça esse argumento é a existência de um enorme setor social dedicado exatamente a treinar as crianças a se adequarem as regras culturais: a educação. O argumento contrário à construção social é uma suposta origem natural dos comportamentos humanos, onde se naturalizam apenas os comportamentos tidos enquanto normativos como a heterossexualidade e a monogamia, ou ainda das estruturas sociais de poder como a superioridade branca e masculina.

O ser humano é um animal social, que tem a necessidade de se agrupar em comunidades, desde as menores como o núcleo familiar, até as grandes como cidades e países. Nessas comunidades não existe apenas o comportamento instintivo humano, são criadas regras e padrões de comportamento. Barbara Rogoff (2005) cita o modelo psicocultural de Beatrice e John Whiting em que a “ideia de compreensão do desenvolvimento humano exige entender detalhadamente as situações nas quais as pessoas se desenvolvem – as situações imediatas bem como os processos culturais menos imediatos (...)” (p. 45).

A noção do eu é construída e desenvolvida durante a vida sob a influência do ambiente e do contato com outros seres. Normas, comportamentos e ideais são ensinados e assim todos os seres humanos são influenciados pela própria cultura em algum nível, mesmo áreas que pregam a imparcialidade como as ciências, não são realmente capazes de alcançá-la. Nesse contexto, variadas áreas de conhecimento agem como instituições para manter a hegemonia. A própria organização do conhecimento é derivada da cultura europeia e foi espalhada pelo mundo através do colonialismo. A antropologia surgiu no meio desse processo colonial e tem um início obscuro tentando defender a superioridade europeia a partir de argumentos

supostamente científicos, buscando dados biológicos ou geográficos e manipulando discursos.

6.2 SOCIALIZAÇÃO

A socialização costuma funcionar a partir da repressão do que é considerado errado. Por exemplo, se uma criança pega algum objeto que não é seu, ela deve ser apresentada ao que é roubo, “é errado”, “não pode” e, provavelmente, “não” é a palavra que as crianças mais ouvem. Por exemplo, um menino que quer experimentar pintar as unhas, usar vestidos ou qualquer acessório rosa vai ser repreendido. É exatamente por aí que começa o processo de exclusão, pelo castigo- pela reprimenda a uma “atitude errada”.

Existem outras ações menos ou mais sutis; antes que haja qualquer reprimenda ou proibição, as crianças são estimuladas a situações específicas. Como, por exemplo, um experimento³ da BBC⁴ onde colocam alguns voluntários adultos para brincar com um bebê e existem vários brinquedos a disposição; os adultos brincam com o bebê utilizando os brinquedos que consideram apropriados para o gênero que foram apresentados e apenas no fim do experimento descobrem que na verdade o gênero e roupas do bebê foram trocados.

Nenhum bebê vai se recusar a brincar com um brinquedo por ser um brinquedo de menina ou de menino, o mais importante nesse momento é o estímulo recebido. O Dr. Abdelmoneim, responsável pelo experimento com os bebês, faz uma série de experimentos para testar os alcances da socialização no comportamento infantil. “Eu não acredito que a biologia sozinha pode explicar as diferenças (de gênero). Eu acho que a resposta está na sociedade em que vivemos” (Dr. ABDELMONEIM, 2018).

6.3 LINGUAGEM

A comunicação é um fator essencial para criação e propagação da cultura e a linguagem afeta diretamente nossa percepção do mundo e da realidade, a partir de termos nós criamos ideias e conceitos, ressaltamos o que deve ser visto, categorizamos e interpretamos as informações adquiridas. Tendemos a prestar mais

³ <https://www.bbc.com/portuguese/geral-40974995>

⁴ Rede de Notícias Britânica

atenção ao que tem nome e ao que já conhecemos, coisas sem substantivo definido normalmente não são validadas pelos indivíduos.

O nome também carrega uma série de informações que lhe dão significado. Por exemplo, a palavra menina costuma ser associada à cor rosa, fofura, ursinhos de pelúcia, etc. e pode também carregar noções pejorativas como frescura, choro, fofoca e por aí em diante. Uma representação de menina ou mulher muito comum no nosso cotidiano é a placa de banheiro, um bonequinho de vestido – eu, particularmente, me incomodo constantemente com essa simbologia. Essas associações encadeiam tanto que pessoas identificadas como mulheres sejam cobradas de corresponder as essas características e impedidas de corresponder a outras, quanto que pessoas não identificadas como mulheres sejam impedidas de corresponder às mesmas determinadas características.

Muitas vezes as associações geradas entre palavra e conceito não correspondem à realidade prática dos sujeitos. Como podemos perceber em desenhos infantis de casas e árvores, mesmo as crianças que moram em apartamentos desenharam suas moradias como casas em um padrão bem restrito e as árvores representadas são quase sempre macieiras (mesmo que a criança nunca tenha visto tal árvore a sua vida inteira). Assim, se propagam os estereótipos e sem uma análise cuidadosa de contextos diferentes as pessoas acabam não enxergando a realidade prática e sim percebendo as situações de forma distorcida pelos conceitos e discursos aprendidos.

6.4 PERFORMANCE DO PAPEL SOCIAL E IDENTIDADE

Ser homem, mulher, artista, professora, advogada, mãe, tia ou filha, são papéis sociais, são funções dentro da sociedade e dentro de grupos sociais. Alguns desses papéis podem ser escolhidos, como a profissão, por exemplo, mas a maioria deles são impostos para nós. Eu não posso escolher de quem sou filha, nem posso escolher não ser uma filha. Ser mãe, muitas vezes, não se mostra como opção, porque mãe é um papel imposto às mulheres - como se elas não fossem completas até alcançar tal etapa - o que gera um processo de maternidade compulsória.

É como se a sociedade fosse uma teia pré-pronta, cheia de espaços preparados para receber alguém que cumpra a função de sustentar aquele ponto onde foi colocada e cada pessoa que não cumpre suas funções atribuídas ameaça derrubar

a teia inteira. Quando os papéis são atribuídos, como os papéis de gênero, as pessoas são educadas para cumprir as funções que se espera desses espaços sociais. Nesse processo, meninas são ensinadas a serem delicadas, obedientes, prestativas, quietas enquanto meninos são ensinados a serem assertivos, extrovertidos e inquietos. Quem não corresponde a essas expectativas é punido de diversas formas.

O indivíduo precisa aceitar e abraçar o papel que lhe é entregue e perseguir o cumprimento dos requisitos para preencher o espaço, o indivíduo precisa acreditar de fato que ele é esse estereótipo. Uma grande quantidade de pessoas consegue corresponder razoavelmente bem aos requisitos, mas ninguém se encaixa perfeitamente nessas lacunas, pois são constituídas de padrões inalcançáveis e estereótipos caricatos, sem espaço para a complexidade e as múltiplas facetas do ser humano. Nesse sentido todos esses papéis são performados e a tentativa em corresponder essas expectativas gera pessoas partidas e incompletas, vide o crescente número de diagnósticos de ansiedade e depressão da massa.

6.5 TEORIA *QUEER*

Teoria *Queer* é um termo que tem sido bastante citado na internet nos últimos anos e essa visibilidade causou grande impacto nos grupos conservadores, que a chamaram de “ideologia de gênero”. O medo causado por essa suposta “ideologia de gênero” fez com que as pessoas se movimentassem, no ano passado, por exemplo, protestaram contra uma palestra da Judith Butler no Sesc Pompeia em São Paulo. Combater a “ideologia de gênero” virou campanha dos políticos que representam esses setores.

Uma definição para *queer* é anormal ou estranho. Historicamente, *queer* foi usado como uma ofensa contra pessoas cujo gênero, expressão de gênero e/ou sexualidade não estão em conforme com as expectativas dominantes. Algumas pessoas se apropriaram da palavra e se auto-identificaram enquanto *queer*. Para alguns, essa apropriação é uma celebração por não caber nas normas / ser “anormal”. Manifestações de opressão entre os movimentos gay e lésbico, como o racismo, o tamanhoismo, o poderismo, o cissexismo, a transmisoginia e a assimilação política, resultaram na marginalização de muitas pessoas e, para alguns, o *queer* é uma postura radical e anti-assimilacionista que capta múltiplos aspectos das identidades. (Dicionário de termos LGBT, acesso em 2018)⁵

⁵ < <https://lgbtqia.ucdavis.edu/educated/glossary> > Originalmente em inglês, traduzido pela autora.

Meu contato com a teoria queer foi a partir da internet, inicialmente em grupos feministas e depois em *blogs* e *vlogs* LGBT. Uma reportagem sobre um garoto trans de 6 anos, chamado Ryland, foi provavelmente meu primeiro contato⁶. Antes disso eu não sabia que existiam pessoas transgêneras e levei algum tempo para entender melhor. Por mais que fosse algo novo, que batia de frente com questões religiosas e outras regras sociais que eu havia aprendido, essa notícia me dizia “Essa criança estava infeliz e os seus pais a ajudaram a ser feliz” e essa informação se tornou meu guia para compreender as informações que chegavam.

Não havia muita reflexão consciente nesse momento, eu me movi pela intuição e ficava satisfeita com o que parecia certo, independente de todas as outras regras que tinham sido apresentadas antes. Fui descobrindo, ao ler mais relatos como os dessa reportagem, a autoidentificação. Foi o respeito à autoidentificação que fez essa criança feliz e não é possível argumentar contra algo tão pessoal e sensível.

Penso, às vezes, que tenho sorte de ter encontrado a teoria *queer* pelas palavras de pessoas que estavam apoiando, porque eu tinha tantas chances quanto qualquer outra pessoa de continuar sendo preconceituosa. Desconstrução é outro termo/processo maravilhoso que encontrei nos movimentos feminista e LGBT, as crenças limitadas, preconceituosas, machistas, racistas, homofóbicas já nos foram ensinadas e vão continuar sendo ensinadas, a nossa opção é questionar e reestabelecer.

Os conservadores também temem muito a desconstrução, acreditam que questionar essas tradições é destruir a família, a moral e os bons costumes, mas isso tudo é uma questão de evolução. As culturas não são estáticas e tentar impedir a humanidade de progredir é um esforço específico para manter o poder deles.

6.5.1 Gênero

Na cultura ocidental cristã os gêneros correspondem às características atribuídas a cada sexo e assim nós aprendemos na escola: “meninos tem pênis e meninas tem vagina”. Dentre essas características estão comportamentos,

⁶ <<https://www.hypeness.com.br/2014/06/pais-mostram-em-video-a-transformacao-de-filho-transgenero-de-6-anos/>>

temperamento, aparência, papel social e etc. Nesse pensamento tradicional a atração sexual também estaria definida.

Nesse lugar temos uma sociedade com papéis bem definidos e estritos, onde não é permitido agir contra as regras, ou migrar para fora do seu espaço pré-determinado. Um sistema assim é cheio de desigualdade e não respeita a dignidade e os direitos humanos. Essa estratégia cultural de definição de gênero não é a única, nem a mais natural ou biológica. Diversas outras culturas possuíam mais de dois gêneros⁷, como os indígenas norte-americanos onde havia algo conhecido como terceiro espírito.

Também há uma exceção não explorada que são as pessoas intersexo⁸. Qual é o gênero atribuído a uma genitália que não é nem um pênis e nem uma vagina, mas algo como a mistura dos dois? Não permitindo a existência de um gênero não binário, as pessoas intersexo são levadas à mesa de cirurgia com menos de 1 ano de idade para fazer operações estéticas que adequem seu corpo a aparência considerada normal.

Caso a sociedade aceite que esses corpos não precisam ser corrigidos naturalmente, as pessoas trans serão legitimadas também. E aqui já chegamos nos grupos onde a regra tradicional não alcança e não prevê.

6.5.2 Sexualidade

A sexualidade é uma identidade construída a partir da afetividade, sentimentos românticos, atração física ou emocional, interações e relações sexuais. Quando se fala sobre sexualidade, é comum que as pessoas associem quase imediatamente à homo e heterossexualidade, mas o gênero objeto de atração é apenas um entre vários aspectos que localizam a sexualidade de alguém.

⁷ Cisgênero é a pessoa que se adequa a essa atribuição gênero - genitália, ou seja, a mulher que nasceu com uma vagina e o homem que nasceu com um pênis. Transgênero é a pessoa que não se adequa a essa atribuição gênero - genitália, ou seja, um homem que nasceu com uma vagina, uma mulher que nasceu com um pênis, pessoas não-binárias ou gênero fluído.

⁸ Não encontrei ainda uma definição de gênero que inclua as pessoas intersexo e desconheço se elas são consideradas cisgênero caso gênero e genitália estejam em conformidade com essa tradição.

6.6 MÍDIA

Antes do surgimento de dispositivos de tecnologia da comunicação em massa, havia uma cultura oral propagada por histórias. As pessoas adoram ouvir e contar histórias, fantasiosas ou não, e os contos de fadas não perderam sua importância na vida humana até hoje.

As histórias são, também, uma forma de socialização, de mostrar quem são os heróis e quem são os vilões, quais são as características desejáveis e quais são os defeitos que devem ser rejeitados. Nesse espaço nós temos a propagação de padrões de beleza e culturais de grupos dominantes.

Um dos grandes problemas sobre representação é a ausência da real diversidade do mundo, que faz com que as pessoas criem uma ruptura cada vez maior entre realidade e visão de mundo. O aumento de caso de jovens com bulimia e anorexia é um dos reflexos dessa construção idealizada de juventude eterna, magra, branca e heteronormativa.

Enquanto as histórias originalmente estavam cheias de ensinamentos sobre os ciclos da vida, processos humanos e arquétipos, agora temos uma quantidade massiva de conteúdo reproduzindo de maneira acrítica uma série de comportamentos destrutivos que acabam sendo reproduzidos no mundo real.

6.7 CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO E MODIFICAÇÃO DO MUNDO

Várias espécies constroem moradias de alguma forma: formigueiros, cupinzeiros, ninhos de passarinho com galhos ou com barro, enormes ninhos de orangotangos. O ser humano talvez seja o único a planejar e assim alcançar a escala monumental. A criação não é simplesmente utilitária, mas procura prazer sensorial com o espaço. Estes espaços humanos não são planejados para todos os espécimes e sim para aqueles que têm o poder e os recursos de causar planejamento e construção; assim, as cidades são construídas para funções que, muitas vezes, ignoram muitas das pessoas que a ocuparão. Esse planejamento também ignora constantemente o próprio funcionamento do mundo, matando e cobrindo tudo que está pelo caminho. Enquanto acredita que controla tudo ao redor, vários fatores como clima, constituição do solo e fauna são ignorados. Assim as pessoas passam por

desastres, como enchentes, inundações e desabamentos, que já seriam evitáveis com as tecnologias disponíveis atualmente.

“Em virtude de estarmos encarnados, nós podemos afetar e ser afetados por nossas imediações.” (p7, *The body and the self*, José Luiz Bermúdez, Anthony Marcel e Naomi Eilan, 1995) A capacidade humana de transformar o ambiente é muito especial, nós podemos construir coisas fantásticas, mas a diferença entre os mais ricos e mais pobres é muito grande. Existem, ao mesmo tempo, no mesmo planeta, imensos arranha-céus e construções rústicas e simples, nações que enviam máquinas para o espaço e outras que mal mantêm energia elétrica.

6.8 IMPOR SEU CORPO NO ESPAÇO

Nas multidões caóticas, me percebo tentando enxergar quem são as pessoas que correm ao meu lado, me perguntando como são suas vidas, de onde vieram e como culminamos a dividir o mesmo espaço. Ao mesmo tempo o fluxo urbano é agressivo e hostil, fujo do contato desses desconhecidos e os olhares se desviam, porque eles possuem o poder de criar conexão entre as pessoas e, assim, nos tornaríamos vulneráveis.

Na constante disputa de poder, é necessário impor seu corpo para delimitar fronteira, percebi isso ao me sentir incapaz de ocupar tais espaços, ou de me sentir pertencente ou possuidora deles. Dois corpos não podem ocupar o mesmo lugar e, por isso, algumas regras precisam surgir para que haja lugar suficiente para todos, assim criam-se os territórios e as disputas por eles.

O lugar aqui é tanto material quanto social, os dois são consequências intrínsecas à existência de todos os seres vivos e precisam, ao mesmo tempo, ser cedidos e respeitados pelos outros, ou terão de ser conquistados a força.

6.9 CIDADES

As cidades costumam ser entendidas como um aglomerado de construções, mas para mim são compostas de vários não-lugares ou entre lugares: corredores, ruas, embaixo de escadas, fossos de elevador, passagens subterrâneas, estacionamentos, espaços entre dois prédios, cantos de viadutos, becos. Apesar de planejadas, as obras deixam diversas lacunas e constroem lugares para não serem

habitados. É mais aceitável demolir um prédio abandonado ou simplesmente deixá-lo fechado do que distribuir casas para quem não tem onde morar.

As ruas são funcionais, feitas para passar. Assim como as calçadas, não foram planejadas para parar, fazer pausas, ocupar. Ao percorrer a cidade me sinto sem espaço, se não quero comprar não tenho para onde ir. As praças e parques são muito escassas para a quantidade de lojas, ambulantes, shoppings, mercados, prédios comerciais e transportes urbanos.

Uma das coisas que eu mais detestava em São Paulo nessa época, era o fato de eu não ser ninguém, era o anonimato.(...) Era o fato do meu corpo na rua ser só um obstáculo que está trazendo a pessoa de chegar na hora no serviço dela, então ela vai me empurrar. (...) (NERI, São Paulo: Vida, Sobrevivência e Sociologia, 2018)

6.10 INSTITUIÇÕES

O sistema e seus construtos são eternos (re)afirmadores de si mesmos. Nossa sociedade se baseia em várias instituições com a função de educar e moldar os sujeitos para que se comportem adequadamente dentro das regras de cada papel. As instituições são construções tanto conceituais quanto físicas. A escola e a família são algumas das mais impactantes, mas igrejas, cadeias, polícias, hospitais, congressos e tribunais tem todos impactos muito poderosos na formação e na vida de todos que vivem em sistemas análogos ao ocidental.

Algumas instituições tem uma função formadora e, outras, função punitiva, como as prisões e sanatórios. As pessoas que quebram regras sociais são retiradas dos espaços construídos para os “bons indivíduos”. Pessoas com deficiência, mães solteiras, homossexuais, crianças abandonadas foram presas em hospícios até a morte – colocadas em ambientes de punição com a escusa de possível ‘educação e retorno aos padrões de direito’. Como ilustração disso, temos o Hospital Colônia, em Barbacena - MG, que foi o maior hospício do Brasil e é conhecido como holocausto brasileiro, onde cerca de 60 mil pessoas morreram e tiveram seus corpos vendidos para escolas de medicina. Campos de concentração são o ápice das instituições punitivas e é necessário um processo muito longo para desconstruir a ideia de prender pessoas em condições desumanas, sendo torturadas e deixadas para morrer.

Manter as instituições funcionando de acordo com o poder atual é tão essencial que um dos argumentos mais frequentes contra o feminismo e as pessoas LGBT é

uma suposta tentativa de destruição da família tradicional. Porque o alcance das instituições é sistêmico, se as bases da família e das escolas permitirem aos indivíduos expressarem sua sensibilidade e ajudarem o desenvolvimento individual e coletivo com respeito às diferenças, o mundo que existe agora vai colapsar dando espaço para construção de uma sociedade diferente – e, como já visto, o que difere é ameaça.

7 ANÁLISE DE DADOS

CHEIRO DE CARINHO, OLHAR DE ACONCHEGO, SOM DE ABRAÇO
 Receber carinho depois de tantos anos de violência e a abandono dói O amor e o carinho mais suaves e delicados destroem a falsa fortaleza de proteção Para curar as feridas é preciso arrancar os espinhos primeiro Presos como anzol eles rasgam a carne ao puxar É como abrir os olhos na luz forte depois de muito escuridão Dói deliciosamente De repente todos os anos de ausência caem feito uma imensa pedra no meio do peito e não sou nem capaz de respirar Quando as pessoas começaram a me amar eu ficava paralisada Tinha medo que se me mexe-se aquele momento ia acabar Mesmo imóvel, ele passava Acho que eu deixava a impressão de que estava desconfortável Quando na verdade implorava em silêncio pro tempo não passar nunca Existe uma regra não dita sobre o afeto: você não pode pedir por ele Parece que se o pedido for pronunciado em voz alta, o afeto se assusta e foge E quanto mais desesperado e necessitado menos você pode pedir Quem foi que inventou que carentes não podem receber afeto? Nós somos os que mais precisamos Às vezes quando estou do seu lado, esbarro em você “sem querer” Nossas peles parecem se atrair como ímãs
 Esse micro momento de contato é minha gota de água no deserto Nunca vai me saciar, mas eu vou sobreviver por mais algumas horas Deixo minha mão a um átomo de distância da sua esperando que você talvez me toque E imploro em silêncio, tão baixinho que nem eu mesma ouço “Me ame, por favor!” (CASTELLAR, Poemas que fiz para não morrer, 2018)

7.1 EXCLUSÃO

A exclusão é um processo de controle comportamental, uma espécie de castigo dado aos indivíduos que não se adequam as regras sociais. Possui diversas ferramentas e formas de atuação e é praticada por quase todas as pessoas, na maioria das vezes de forma inconsciente. É um processo estrutural da sociedade que pode ser afirmado simbólica e fisicamente, sendo algumas vezes produzido ou reproduzido pelo Estado e/ou pela cultura.

Dentro do processo de exclusão que vivi um dos sintomas foi não acreditar na validade da minha opinião e sentimentos. Passei a me abster de falar e tentar argumentar com ideias contrárias era impossível, eu me sentia incapaz de me expressar e normatizei tratamentos ofensivos a minha individualidade. Sem ser capaz de identificar os problemas que me envolviam, eu não conseguia me articular para enfrentar e não mais permitir que me agredissem.

7.1.1 Discurso

Por trás de todas as ações de violência existe uma ideia e o principal discurso que propaga e mantém o sistema de exclusão é que os indivíduos desviantes são uma ameaça aos outros, aos “cidadãos de bem”. Eles precisam ser consertados, afastados ou eliminados para que o mundo seja melhor, numa tentativa de reparar problemas que os próprios indivíduos desviantes teriam causado por não cumprir as regras sociais.

A crença de que essas pessoas são um mal social é enraizada nas culturas, o que faz com que os próprios oprimidos, muitas vezes, acreditem nela e a defendam, gerando uma reprodução dos preconceitos para consigo mesmos e/ou rejeição de seus iguais, bem como baixa autoestima, suicídio e autorrepressão.

7.1.2 Violência

Costumamos entender violência como agressões físicas, espancamentos e assassinatos, mas qualquer ação que prive alguém de seus direitos básicos é violenta, assim todas as ferramentas de exclusão são algum tipo de violência.

Algumas vezes as leis e governos provocam ou permitem que a violência aconteça, como no caso da escravidão. Atualmente, por exemplo, é ilegal ser homossexual em 71 países, mas mesmo em países onde a homossexualidade não é criminalizada, a cultura local gera ações violentas, como no Brasil.

7.1.3 Invisibilidade

A invisibilidade é uma estratégia de apagamento, quando certos setores essenciais ignoram a existência de grupos que necessitam de ajuda para sobreviver em um sistema hostil, mantem-se o ciclo de exclusão e eliminação dos indivíduos desviantes. Ela pode ser direcionada a própria existência do grupo e das pessoas que o compõe, ou pode ser direcionada as vivências, violências sofridas e aspectos particulares de cada grupo.

Quando não se consegue encontrar as necessidades específicas de um grupo é muito difícil que a sociedade se mobilize de alguma forma para suprir essas lacunas.

Porque a gente vive numa sociedade com valores conservadores, machista, preconceituosa, excludente, heteronormativa. E existem mecanismos de invisibilização de certos grupos sociais. Um desses mecanismos é a negação

da existência dessas pessoas. (...) Tudo que você olha é heterossexual. (...) Muitas vezes a gente não consegue nem se perceber uma pessoa não heterossexual. (...) Quando você não fala sobre a sua sexualidade, o mundo inteiro presume que você é heterossexual. (LOUIE, 2016)

7.1.4 Abandono Afetivo

Acontece quando um indivíduo é considerado indigno de ser amado e tratado com carinho ou mesmo respeito e dignidade. Os jovens LGBT correm mais risco de serem expulsos de casa e diversas vezes o abandono afetivo é somado à violência física, inclusive assassinato. Em alguns países é permitido que a família mate LGBTs para proteger a própria reputação.

As crianças com deficiências são mais abandonadas e menos adotadas, “Quase 70% das famílias que pretendem adotar optam por crianças sem deficiência ou doenças crônicas” (Lei que facilita adoção de criança com deficiência completa 2 anos sem muitos resultados, <<https://tinyurl.com/y9jw5zjl> > acesso em: 15/08/2018)

Mesmo que a quantidade de abandonos diretos seja tão grande, a maior parte do abandono afetivo não é tão nítida. A sociedade parece não ter estabelecido na prática o funcionamento das relações afetivas como é capaz de idealizar e assim o papel da família na formação identitária já é bastante confuso quando se tratam de pessoas mais ou menos bem encaixadas no padrão. Assim, os indivíduos excluídos sempre sofrem uma perda maior ou menor de acesso ao afeto.

As consequências do abandono afetivo, mesmo que não se desenvolva violência física, são impactantes no cotidiano, sofrer exclusão no período de formação provoca baixa autoestima e noções distorcidas de como se relacionar.

7.1.5 Desigualdade

É estabelecida quando determinados grupos são privados de seus direitos básicos, geralmente essa privação é exatamente o que mantém os grupos privilegiados em posição de poder. É o que acontece quando os mais ricos enriquecem a custo da exploração dos mais pobres, que se tornam ainda mais pobres, por exemplo.

É a negação de condições, recursos físicos e psicológicos e dignidade, baseada em preconceitos e crenças como a meritocracia, mantida pelo pensamento de que as pessoas merecem tratamentos diferentes de acordo com fatores

arbitrariamente atribuídos, como gênero, cor, classe social, sexualidade, condições físicas, etc.

7.1.6 Medo

O medo é uma poderosa ferramenta de controle, pela noção de autopreservação as pessoas acabam aceitando se ferir ou se privar de algum tipo de direito para evitar um sofrimento ou punição ainda maior. Aceitando condições indignas pelo medo de violência maior, os indivíduos vão adquirindo noções de realidade cada vez mais distorcidas, o que podemos observar no atual cenário brasileiro de apatia política e descrença no estado democrático.

Medo também causa reações violentas e descontroladas, fazendo com que ações horrendas sejam justificadas, num sentido de atacar antes de ser atacado. Ari Fitz, uma mulher andrógina, relata como sempre sente medo ao associar situações a uma vez que foi atacada por um homem que a confundiu com um homem logo após ter tentando paquerar ela em meio a um grupo de rapazes; “O cara que tentou falar comigo, talvez, uns dez minutos anteriormente e agora estava jogando merda em mim e gritando como (...) ele estava gritando algo sobre eu ser um cara.” (2016) O discurso de ódio é carregado de notícias falsas, criando falsos inimigos para serem combatidos, motivando assim que pessoas neutras ou até mesmo bem-intencionadas apoiem e pratiquem violências inaceitáveis.

Eu sempre senti muito medo a minha vida inteira, é como viver num eterno estado de alerta, sentindo necessidade de estar pronta para me defender a qualquer instante em qualquer situação, inclusive estando cercada de pessoas conhecidas e de confiança. Sentir medo é tão comum que eu mal sei como é não sentir medo, segurança é uma sensação que conheci apenas há uns três anos e ainda acontece com muita pouca frequência.

Mesmo vivendo nessa ansiedade constante, nunca tinha sentido um medo tão real quanto ver o resultado das eleições de 2018, em especial no primeiro turno, foi como se o mundo inteiro quisesse me matar. Minha pobre reação a isso tudo foi enviar algumas mensagens para as pessoas mais próximas, dizendo que eu as amava e oferecendo meu apoio.

7.1.7 Patologização

A classificação de tipos de comportamentos como doenças é uma das formas de patologização. A homossexualidade foi considerada como doença no passado e muitas pessoas reproduzem essa ideia ainda hoje. Essa é uma forma de deslegitimar subjetividades; as opiniões e sentimentos de uma pessoa doente não precisam ser levadas em conta, porque ela não tem controle do próprio comportamento e precisa de ajuda, sendo permitidas intervenções que consertem o comportamento desviante. Intervenções essas que levam a morte física ou psíquica, como nas clínicas de cura gay ou hospícios.

Vivemos em um sistema que nos tira a autonomia sobre nossos próprios corpos. O atendimento médico não enxerga os indivíduos e seus contextos. Os médicos têm acesso ao conhecimento e as ferramentas, mas não acessam os sofrimentos dos corpos, as dores e nem procuram realmente entender o que eu sinto sobre meu corpo.

A partir disso todos os indivíduos são privados do acesso ao próprio corpo e os corpos marginalizados estão em maior risco. As mulheres negras recebem menos anestesia e menos cuidados médicos, as pessoas LGBT tem menos acesso aos espaços hospitalares e tratamentos de saúde e as pessoas intersexo sofrem mutilações indicadas pelo sistema médico ainda na primeira infância.

7.1.8 Marginalização E Criminalização

O processo de exclusão dos indivíduos não normativos faz com que sejam marginalizados, desde a dificuldade de manter empregos e, assim, condições básicas de vida como moradia e alimentação, ao ponto de serem tratados ou transformados em criminosos. A própria utilização do termo marginal como equivalente a bandido reforça que as classes menos favorecidas são responsáveis pela “criação de criminosos e malfeitores”. Stevie (2017), no vídeo “Sem lar e adolescente: como sobreviver”, diz: “Tente não cometer nenhum crime. Isso provavelmente será impossível, então veja mais como uma linha guia”.

Nesse contexto surge uma crença de que só os ditos “cidadãos de bem” merecem ter seus direitos respeitados como reflete a frase “Bandido bom é bandido morto.” O criminoso passa a ser considerado menos humano. O racismo está enraizado na concepção de criminoso brasileira, “as principais vítimas de assassinatos no Brasil são os negros. Por dia, são 63 assassinatos de jovens negros

no Brasil, totalizando 23 mil mortes por ano.” (Genocídio: a cada 23 minutos um jovem negro é assassinado no país, <<https://tinyurl.com/ya3gngcb> >, acesso em 29/09/2018)

O candidato à presidência Daciolo afirmou em entrevista “O homossexual está na mesma categoria de problemas que o alcoólatra, que o corrupto, o bandido, e isso tudo.” (“Homossexual está na mesma categoria que corrupto”, diz Daciolo, <<https://tinyurl.com/y9f5tm47>>, acesso em: 20/10/2018) e esse é um discurso que coloca uma parcela da população em um lugar de problema a ser consertado.

7.1.9 Desumanização

A união das ferramentas de exclusão culmina num processo de desumanização, é justificado não respeitar esses indivíduos, pois eles são considerados menos humanos de alguma forma, seja por suas ações, sendo tratados como bandidos, seja por características que os próprios indivíduos não têm controle, sendo então tratados como doentes ou coitados. Em alguns casos esse processo acontece somando objetificação e agressão; esta última sendo resultado da falta de controle sobre o objeto ou da tentativa das vítimas em sair do lugar de objeto.

7.2 CORPOS ESTRANHOS

Minha relação com corpo nem sempre foi positiva, na verdade eu tinha uma visão de que o material era inferior e o espiritual era mais elevado e mais verdadeiro. Esse pensamento era provavelmente em decorrência da minha criação cristã espírita e era uma crença que eu me identificava fortemente, não parecia algo induzido.

O tabu sobre o corpo e a nudez me afetou na infância e adolescência de forma que me negava o máximo possível o contato com meu corpo, me olhar no espelho era raríssimo e sempre tentava me cobrir com roupas compridas e casacos. Não era uma relação de ver meu corpo como feio, era uma vergonha de algo que não podia ser visto ou apreendido pelo outro, uma negação de contato e vulnerabilidade.

Contato corporal sempre foi algo difícil para mim, levei anos refletindo para entender que talvez eu sentisse as pessoas com tanta força, que as tocar era intenso demais e que contato físico não era necessariamente ruim. A intensidade assusta e, às vezes, dói e mesmo assim não quero mais evitá-la.

Algumas situações tiveram um grande impacto no meu entendimento sobre os corpos, uma delas foi estudar anatomia artística, onde tive a oportunidade de observar alguns detalhes maravilhosos sobre como os corpos funcionam. Corpos são complexos e possuem um equilíbrio tão delicado que eu não podia mais sustentar crenças que inferiorizavam algo tão sensível e real.

Descobri-me como um ser vivendo no mundo e não mais como uma entidade desconexa com uma matéria pesada. Maria Rita Kehl diz “Não existe nenhum eu em nenhum outro lugar que o próprio corpo.” (Corpo, identidade e erotismo, p. 24). Compreendo-me com um eu que observa, por isso não me sinto o corpo, mas não mais me sinto partida dele e de suas sensações. Eu penso no corpo como uma barreira e, ao mesmo tempo, como uma conexão com o outro e o mundo lá fora. Barreira porque é a matéria que me delimita, a pele que marca o que aprendi como meu fim. Através dessa mesma pele posso tocar e perceber tudo o que eu não sou, me deslocar no mundo ao meu redor e encontrar outros corpos.

7.2.1 Corporalidade

Quanto à “corporalidade”, ela é associada a uma compleição corporal, mas também a uma forma de vestir-se e de mover-se no espaço social. O ethos implica assim um controle tácito do corpo, apreendido por meio de um comportamento global. Caráter e corporeidade do fiador apoiam-se, então, sobre um conjunto difuso de representações sociais valorizadas ou desvalorizadas, de estereótipos sobre os quais a enunciação se apoia e, por sua vez, contribui para reforçar ou transformar.

(MAINGUENEAU, 2008, Imagens de si no discurso, p. 72)

As pessoas estranhas causam impacto em qualquer espaço que ocupem, porque existem discursos diferentes habitando o mesmo espaço e isso gera tensão. Enquanto as pessoas normatizadoras defendem um discurso que diz “nada de diferente pode existir”, os corpos estranhos existem e existir fora das normas é percebido como uma ameaça ao que está dentro do sistema.

No primeiro momento quando um corpo estranho se reafirma ocupando um lugar qualquer, esse indivíduo se empodera, mas muitas vezes esse poder se perde pela reação hostil dos outros. As pessoas reagem à estranheza de maneiras variadas, algumas se assustam, outras não conseguem registrar um acontecimento fora dos padrões e ignoram, algumas se sentem ofendidas ou ameaçadas e reagem com raiva e violência.

Todos os corpos são modificados, no sentido em que eles não existem de forma pura, intocada e sem relação com o mundo e com o outro, mas a maneira que cada corpo se constrói pode ser entendida de maneiras muito diferentes. Refiro-me a uma construção tanto material, quanto de corporalidade, de imagem mental e de expressão de estilo. Grace Neutral, ativista e artista de tatuagens, investiga, em seu documentário⁹, diferentes formas de modificação corporal brasileiras, por exemplo, cirurgias estéticas como a colocação de silicone.

Corpos já foram e são marcados por diversos motivos: como escravos, criminosos ou perseguidos, nos campos de concentração, como judeus e homossexuais, como guerreiros poderosos, como símbolos de beleza. É uma marca de identidade, uma forma de expressar alguma característica ou comportamento de maneira nítida para todos. A marca da diferença não é necessariamente ruim, ela pode demonstrar poder, a capacidade de corresponder ao padrão requisitado. Acontece através de um ritual, como um ritual de passagem, envolve necessariamente algum tipo de dor, abdicação ou esforço pessoal.

Os corpos diferentes são marcados, não há como esconder uma cor de pele, por exemplo, mas outras marcas podem ser mais sutis como postura, maneira de andar, de gesticular os braços, ou mesmo de olhar e falar. Essa marca da diferença é ao mesmo tempo uma ameaça que nos coloca em evidência e risco de agressão, e um aspecto importante de nossas identidades, que nos permite nos encontrarmos uns aos outros no mundo.

Quando as marcas não são evidentes, como no caso das deficiências invisíveis ou de pessoas LGBT com aparência normativa, os indivíduos sofrem menos ataques diretos, mas precisam de esforço em dobro para se afirmar e se colocar como possuidor de suas identidades.

7.2.2 Afeto

Um abraço pode ser tão polido e formal que é como abraçar uma pedra, esse tipo de interação pra mim é angustiante. Não acho que tocar as pessoas seja algo

⁹ Documentário “Grace Neutral discovers the Brazilian girls leading the new beauty revolution”.

banal, é como segurar outro mundo em minhas mãos - e existem mundos que eu não quero segurar.

Eu fico nervosa e insegura, esse toque pode ser mais como uma colisão planetária. Mesmo sendo incapaz de ver qualquer marca no meu corpo sinto como se todos os toques deixassem cicatrizes e marcas eternas ou muito duradouras. É lindo e triste, porque posso carregar todo o carinho que enche meu coração, mas na maior parte do tempo percebo as cicatrizes feias, as falhas e a violência.

Nesse sentido tocar outra pessoa pode se expandir para interações não físicas. Às vezes, uma troca de olhares pode ser mais profunda que um aperto de mãos e isso também é tocar o outro. A ausência do afeto, a exclusão, também é uma forma de tocar, nesse caso um não-tocar que deixa um buraco, me senti muitas vezes um corpo composto de vazio.

Momentos afetivos marcaram minha relação com meu corpo e com os outros, como em um abraço onde minha amiga ouviu meu coração bater, foi um instante tão íntimo, vulnerável e gostoso. Nessa situação me tornei consciente do meu corpo e pude sentir o pulsar do meu próprio coração assim como desse outro coração que me tocava. Essa conquista tardia de afeto me faz começar a estabelecer noções diferentes de quem eu sou e de como mereço ser tratada.

Temos um corpo afetivo construído durante a vida pelos momentos afetivos, a falta deles ou mesmo pelas agressões sofridas. A noção de valor do eu pode ser associada à quantidade e a qualidade de atenção recebida pelo indivíduo, além disso, tendemos a reproduzir os comportamentos que recebemos e observamos.

Um corpo agredido é composto de ausências e feridas, também é um corpo que vai oferecer agressão, que talvez não saiba aceitar, receber ou oferecer carinho. Homens, por exemplo, tem a tendência de serem cortados de relações afetivas muito cedo. O contato físico permitido à masculinidade é agressivo e sexual; quanto mais afastados da necessidade de afeto e carinho, mais desumanos se tornam os comportamentos. Tal corte é agressão tão violenta que coloca os homens no papel do opressor, o que causa aos outros aquilo o que recebeu, e assim se mantém o ciclo.

Contato humano é necessário para manter nossa própria condição humana, na minha vida encontrei amizades que foram meu caminho para construir esse aspecto

de humanidade que era uma lacuna para mim, encontrar uma comunidade capaz de cumprir esse papel falho da família foi essencial para minha sobrevivência emocional. É muito comum que as pessoas busquem suprir essa lacuna nos relacionamentos românticos, como vemos nos homens que buscam cuidados de mãe em suas mulheres, na busca extrema de se completar ao encontrar a “alma gêmea” e na valorização do relacionamento romântico como uma categoria superior de amor.

7.2.3 Lógica da Diferença

Seguindo a nomeação do conhecido, tudo o que surge de novo é, por algum tempo maior ou menor, exótico, estranho ou confuso. O conhecido e estabelecido é o normal, o que não é normal recebe um nome de diferenciação. Na utilização comum esses nomes são utilizados como ofensas, o que reforça o estigma e estereótipos que os indivíduos carregam.

Um perfeito exemplo disso foi uma conversa entre minhas duas irmãs mais novas, na época com 15 e 6 anos. A mais velha estava tentando explicar porque existe LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais) e a mais nova ficou muito confusa, porque não sabia que existiam surdos. Para ela, “surdo” era um xingamento. Ela sempre ouviu as pessoas perguntarem bravas: “você é surdo?” e concluiu que isso era algo ruim. Da mesma forma, as pessoas utilizam “retardado”, “autista”, “gay” e “mulherzinha” como ofensas. E as crianças crescem ouvindo os nomes como características ruins, sem conhecer quem são os indivíduos por trás do rótulo. Muitas vezes essas existências são propositalmente escondidas, como no caso da Rússia, onde é proibido por lei falar sobre homossexualidade com crianças.

Diferença e diversidade são termos muito utilizados no contexto de respeito e direitos humanos. Apesar de serem sinônimos, diversidade traz uma ideia mais ligada a multiplicidade, enquanto diferença estabelece uma relação de valor entre o normal e o diferente. Diversidade então apresenta melhor os espectros de variação humana.

O termo “*disability*”, mais utilizado no inglês, parece menos incômodo ou ofensivo que “deficiência”, porque remete a desabilidade ou não-habilidade e não nenhum problema em não possuir alguma habilidade, afinal todas as pessoas não são hábeis em algumas coisas. A questão é por que algumas pessoas são definidas pela única coisa que não são habilidosas? Por que chamar alguém de cego quando se

poderia definir essa mesma pessoa por possuir um super olfato ou um tato especialmente delicado?

Infelizmente desabilidade não soa tão natural no português, inabilidade leva a incapacidade que, assim como deficiência, remete a uma ausência. Esse peso carregado no conceito reforça constantemente que as pessoas que possuem alguma deficiência não estão completas, como se fossem menos humanas. É comum, por exemplo, que sejam infantilizadas e que essa suposta incapacidade seja generalizada como se por não conseguir enxergar alguém não seja mais capaz de realizar nada na vida.

As construções de linguagem e termos têm sido em torno de criar nomes que indiquem que uma pessoa possui uma deficiência ao invés de ser deficiente, assim ressalta que é mais uma característica de um indivíduo e não a coisa principal que o define.

Eu me amo e amo minha vida. Mas eu não me lembro de ser deficiente, até que, como na noite de terça-feira quando eu aterrissei no LAX e um motorista de táxi não me deixa entrar por conta do meu cão-guia, ou em um restaurante e alguém pergunta ao meu amigo o que eu quero coma em vez de me perguntar. (MOLLY, 2018)

Assim como no caso dos estudos LGBT, é possível encontrar na internet uma série de dicionários de termos, conceitos e explicações, numa tentativa da própria comunidade em se posicionar e colocar como se sente, como deseja ser tratada e quais suas necessidades.¹⁰

7.2.4 Sentimentos, Expressão e Arte

Existe uma tendência a reprimir os sentimentos e exaltar a racionalidade. Um dos fatores que reforça esse padrão é a ideia de que homens são mais racionais, possuem pensamento claro e são mais capazes de autocontrole e, em contrapartida a noção de que mulheres são histéricas, extremamente emocionais, com pouca capacidade intelectual e de controle de impulsos. É um comportamento que gera seres muito instáveis, como a água em ebulição que, se houver a pressão adequada, pode mesmo explodir.

¹⁰ <https://www.selursocial.org.br/terminologia.html> exemplo de dicionário de termos

Com tantas pessoas se negando a interpretar e lidar com os próprios sentimentos, é esperado que as pessoas desenvolvam poucos recursos e linguagem para se tratar disso, além da noção de racionalidade, que é muito abrangente: é possível chegar a conclusões opostas seguindo diferentes ideias e discursos. Não existe uma única razão superior através da qual se possa alcançar a verdade absoluta e com certeza não existe uma razão pura fora do mundo experienciável - que tem sensações, sentimentos e estímulos diversos.

Para enfrentar esse processo de destrinchar e compreender sentimentos há criações como o Dicionário das Tristezas Obscuras. Criado pelo artista John Koenig, consiste em uma série de conceitos, alguns apenas escritos, outros ilustrados ou acompanhados de vídeos. Trata-se de um projeto viral que ficou muito conhecido pela internet, considerando isso parece estranho que as pessoas não estejam inserindo essas palavras no próprio vocabulário; não basta criar mecanismos para lidar com situações diversas e criar palavras novas, essas criações precisam ser compartilhadas entre um grupo para que façam sentido na nossa realidade.

Meu processo de produção foi se tornando mais claro com o passar dos anos. Começa com uma sensação ou sentimento que se acumulam. É como o processo de ebulição da água, a agitação vai aumentando, as moléculas vibram cada vez mais. Parece que pode explodir e jorrar água para todos os cantos, mas, geralmente, a energia não é tão grande: a água começa a evaporar dissipando o excesso de energia e mantendo alguma estabilidade.

Quando eu expresso sentimentos é mais ou menos assim, parece que vou explodir ou me desintegrar, é informação demais para lidar e manter dentro de mim e preciso dissipar de alguma forma. Vários tipos de processos criativos e expressivos podem cumprir essa função, desde fazer um desenho, pintura abstrata ou cortar o cabelo, pintar meu corpo.

Eu geralmente não sabia nomear essas sensações ou não as entendia muito bem, alguns eram sentimentos que não podia aceitar virem de mim. A expectativa e pressão de ser uma pessoa boa e correta me fez reprimir sentimentos considerados ruins. Mas sentimentos precisam ser demonstrados, o adoecimento causado pelo acúmulo de situações, sensações e sentimentos não resolvidos é cruel e lentamente doloroso.

Fotografia 1 – Costas.

“Talvez você não saiba o quão profundamente marcou minha pele com o toque suave dos seus dedos enquanto me acariciava durante nossos abraços...” (CASTELLAR, 2018)



Acervo Pessoal, 2018.

Fotografia 2 – Ombro.

“O impulso de abraçar às vezes é tão forte que envolvo meu próprio corpo. Nunca entendo esse momento como abraçar a mim mesma. Na minha mente eu te alcanço.” (CASTELLAR, 2018)



Acervo Pessoal, 2018.

Para ser capaz de fazer esse mergulho para tentar me encontrar dentro do eu que foi reprimido e agredido, passei por uma descoberta do corpo. A partir da materialidade que considerei inferior no passado eu pude me fortalecer. O uso do jenipapo nas pinturas corporais foi impactante nessa construção do eu, assim como diversos momentos afetivos e relações saudáveis e acolhedoras. Associei meu processo com falas poéticas de Stela do Patrocínio que eram muito marcadas com percepções do corpo e sua relação com o mundo.

É dito: pelo chão você não pode ficar Porque lugar da cabeça é na cabeça
Lugar de corpo é no corpo Pelas paredes você também não pode Pelas
camas também você não vai poder ficar Pelo espaço vazio você também não
vai poder ficar Porque lugar da cabeça é na cabeça Lugar de corpo é no
corpo. (PATROCÍNIO, 2001)

7.2.5 Obra Prática

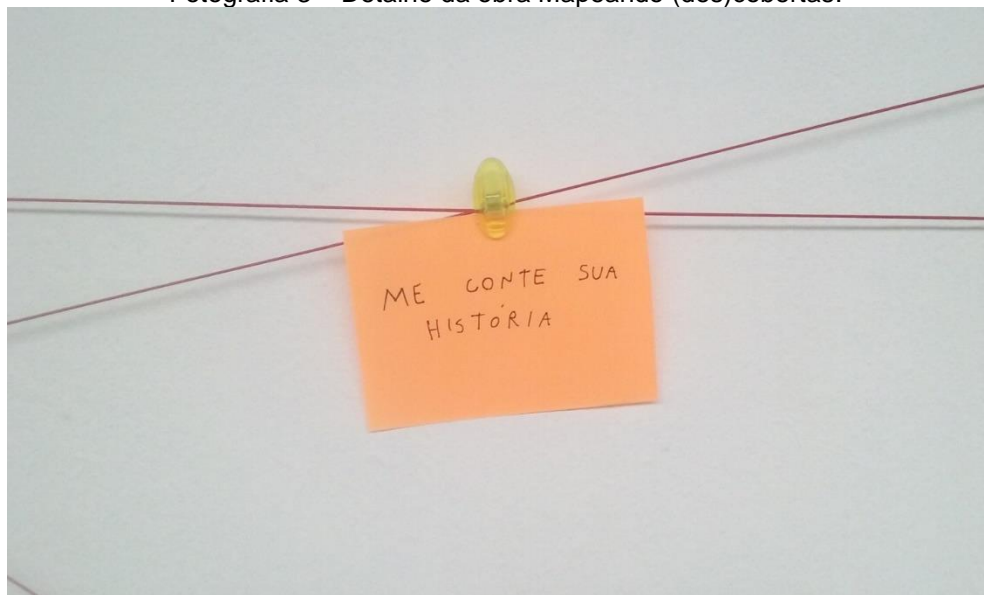
A obra prática, chamada 'Mapeando (des)cobertas', é uma instalação com proposta de performance participativa onde os espectadores agem como colaboradores. Trata-se de um mapa montado na parede utilizando fio de barbante enrolado em pregos, além de uma superfície onde papéis e canetas ficam disponíveis para os colaboradores. Uma ou mais placas indicam a proposta de escrever um relato

de uma experiência de exclusão, um momento afetivo ou história de vida. A instalação começará com alguns dos meus próprios relatos, como os presentes nos anexos deste trabalho, presos ao fio com pregadores.

Os papéis disponíveis terão cores e formatos diferentes, assim como haverão diversas cores de caneta. Os colaboradores farão o mapeamento a partir da escolha de onde colocar seus relatos, relacionando as cores, formas, pontos e conteúdo das experiências.

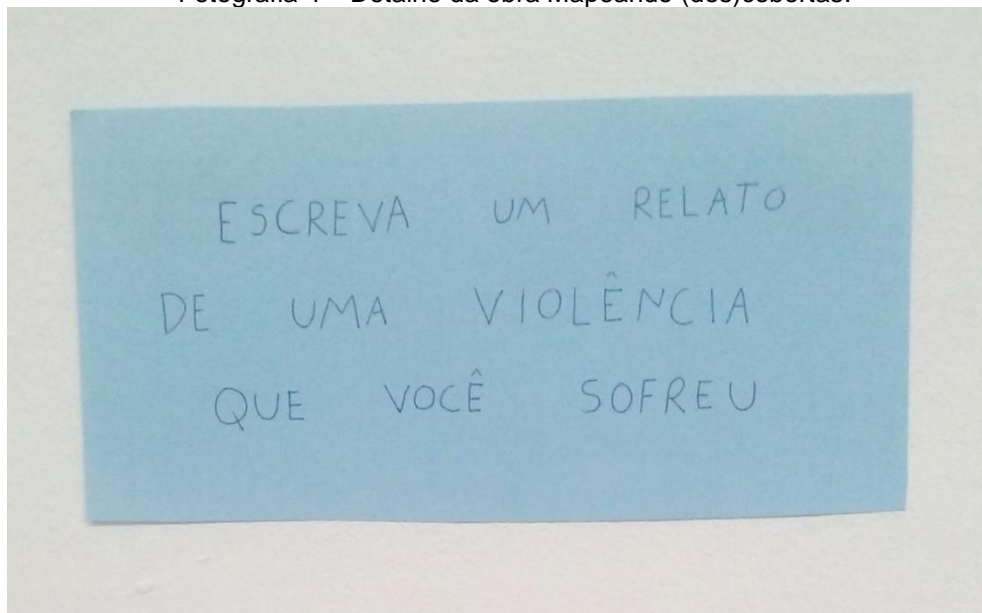
A instalação transmite uma sensação de intimidade pelo compartilhamento de relatos pessoais e permite o contato com vivências diferentes e, talvez, desconhecidas para uma parte do público. Assim como oferece um espaço para empoderamento, autoafirmação e tratamento de feridas emocionais ao expressar sentimentos.

Fotografia 3 – Detalhe da obra Mapeando (des)cobertas.



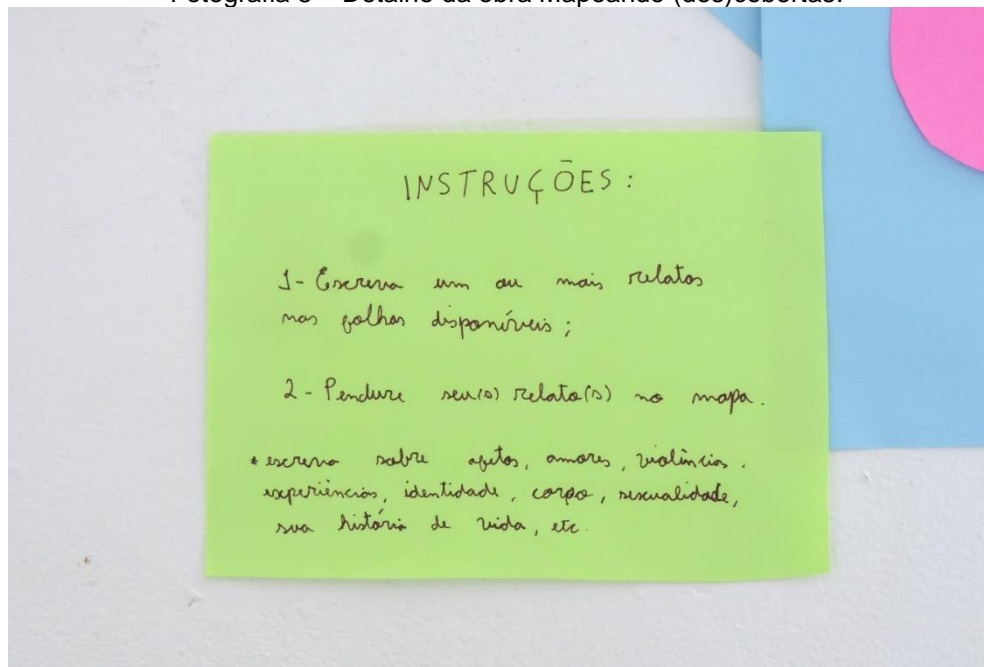
Acervo pessoal, 2018

Fotografia 4 – Detalhe da obra Mapeando (des)cobertas.



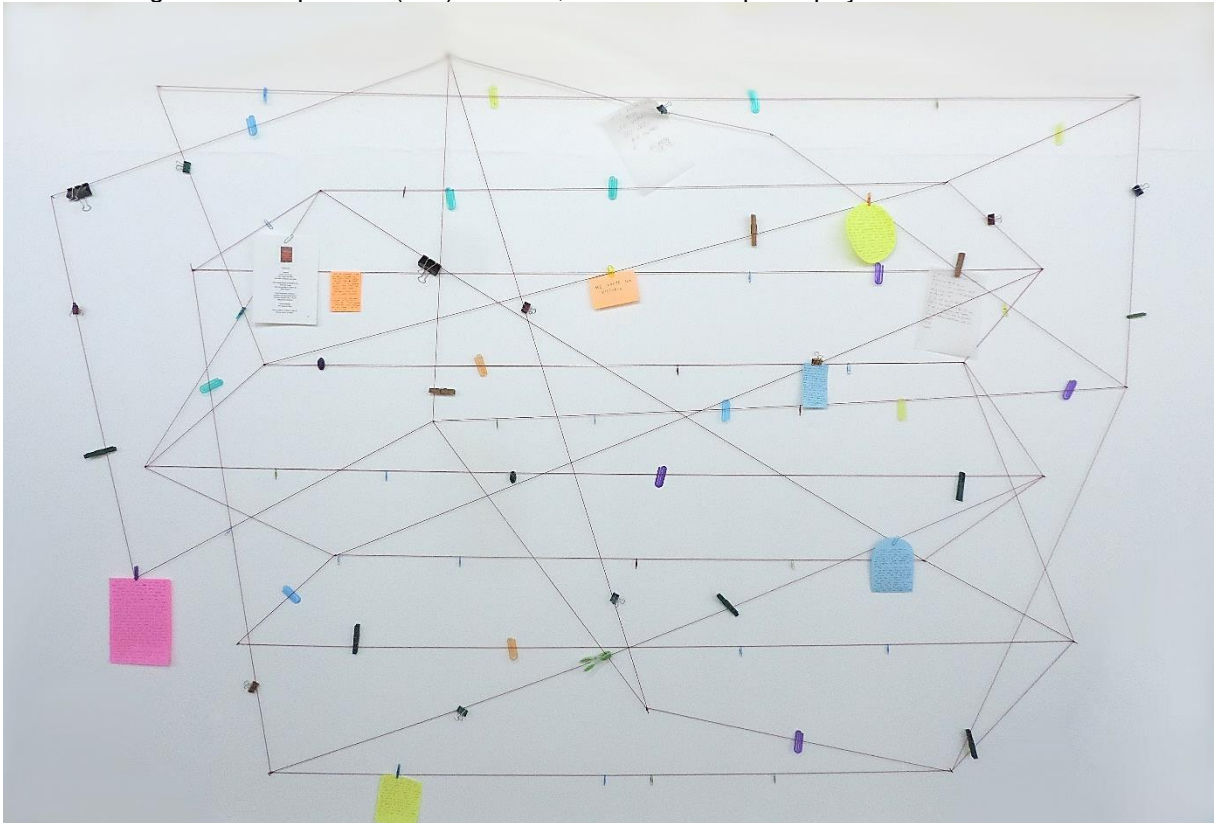
Acervo pessoal, 2018

Fotografia 5 – Detalhe da obra Mapeando (des)cobertas.



Acervo pessoal, 2018

Fotografia 6 –Mapeando (des)cobertas, obra antes da participação dos colaboradores.



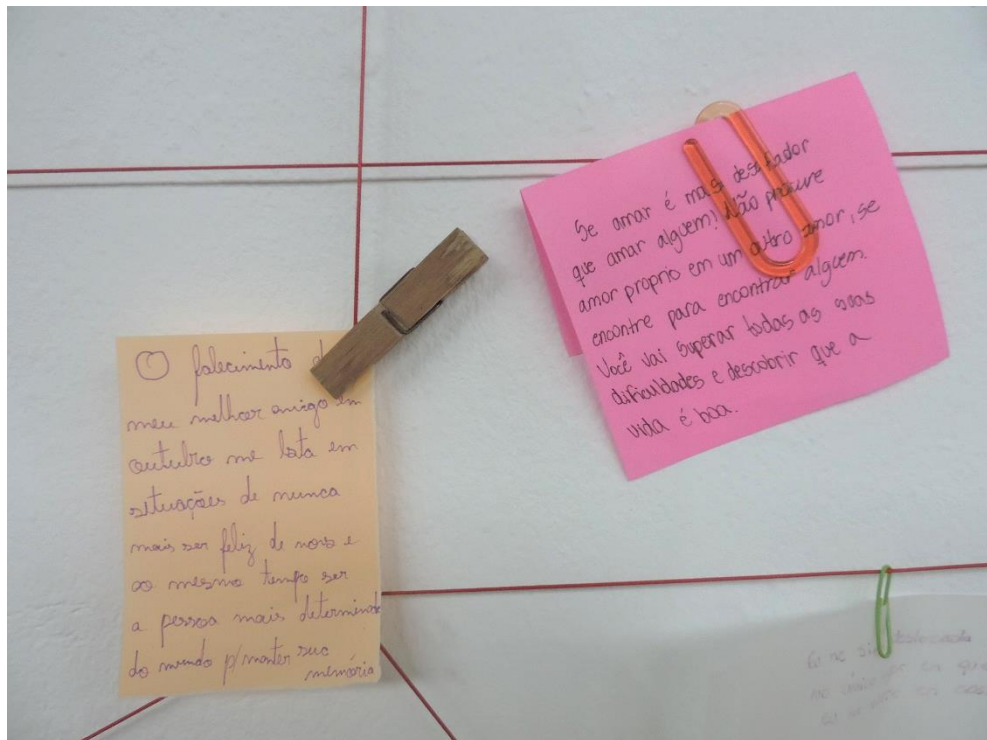
Acervo pessoal, 2018

Fotografia 7– Colaborador acrescentando relato na obra Mapeando (des)cobertas.



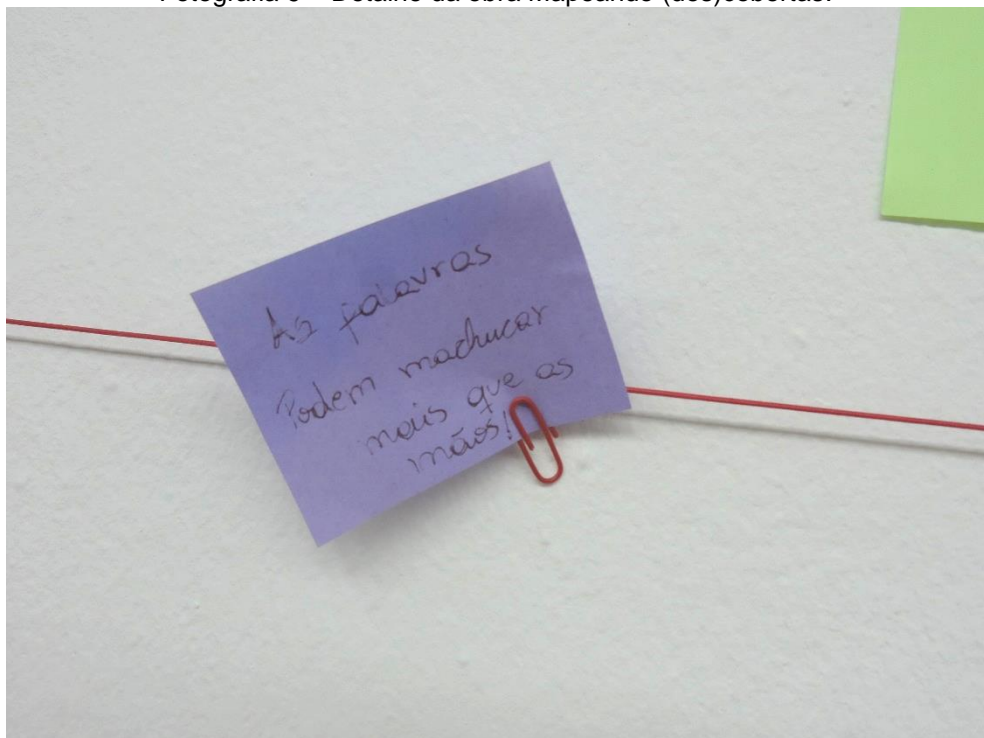
Acervo pessoal, 2018

Fotografia 8 – Detalhe da obra Mapeando (des)cobertas.



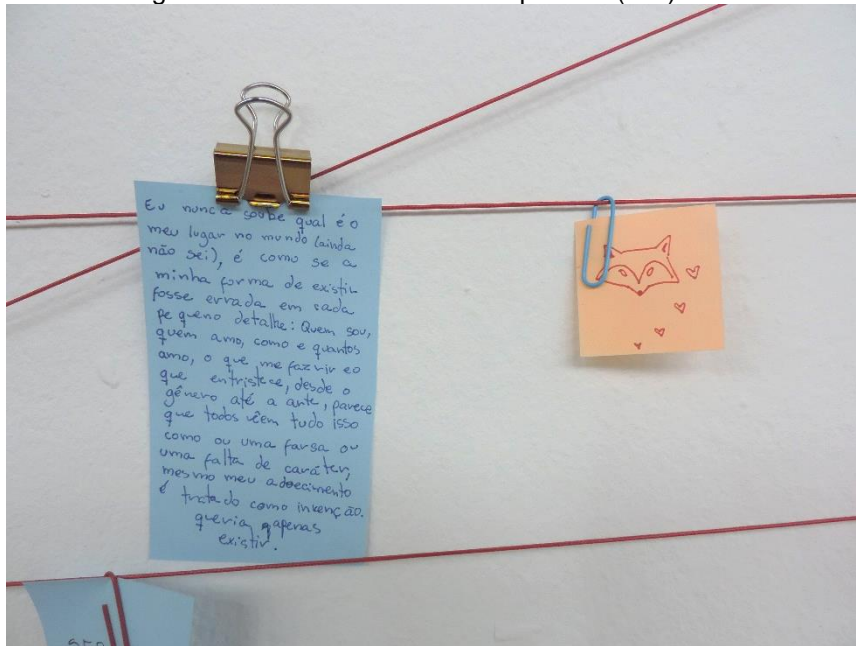
Acervo pessoal, 2018

Fotografia 9 – Detalhe da obra Mapeando (des)cobertas.



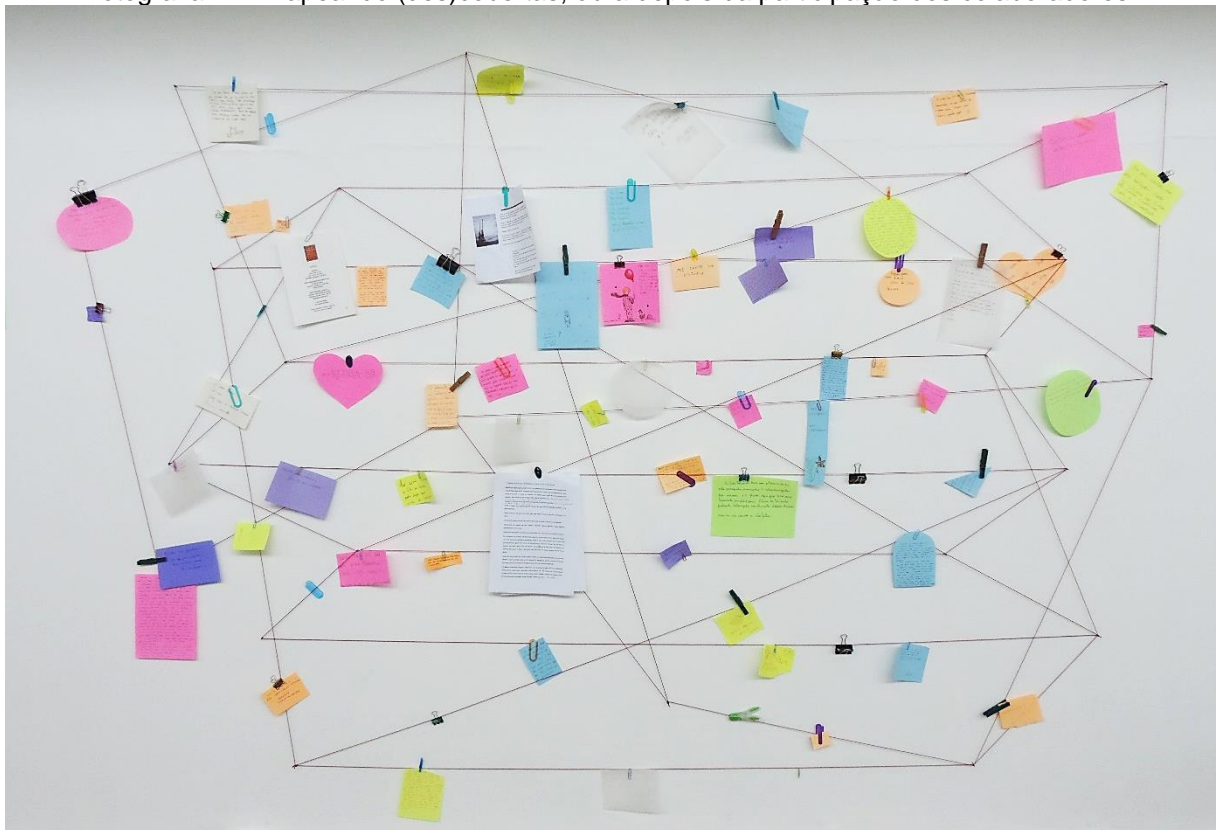
Acervo pessoal, 2018

Fotografia 10 – Detalhe da obra Mapeando (des)cobertas.



Acervo pessoal, 2018

Fotografia 11 – Mapeando (des)cobertas, obra depois da participação dos colaboradores.



Acervo pessoal, 2018

7.2.6 Identidade

A diferença pode ser construída negativamente - por meio da exclusão ou da marginalização daquelas pessoas que são definidas como “outros” ou forasteiros. Por outro lado, ela pode ser celebrada como fonte de diversidade, heterogeneidade e hibridismo, sendo vista como enriquecedora: é o caso dos movimentos sociais que buscam resgatar as identidades sexuais dos constrangimentos da norma e celebrar a diferença (afirmando, por exemplo, que “sou feliz em ser gay”). (WOODWARD, Identidade e Diferença, p.50)

Dessa forma, vários aspectos antes considerados negativos são ressignificados, quando os surdos chamam a si mesmos de Surdos com letra maiúscula para se colocarem como sujeitos de uma cultura própria ao invés de incapazes de ouvir, ou a apropriação de termos como *queer*, viado e sapatão. A organização de movimentos como movimento negro e o feminismo, também agem como criadores de identidades positivas, gerando empoderamento.

A identidade é atribuída socialmente, mas depende principalmente da autoidentificação. Mesmo em categorias que parecem ser completamente estabelecidas, por exemplo, não basta ter a pele escura para ser negro, como apresenta a grande quantidade de pessoas autodeclaradas pardas no Brasil. Isso porque nenhuma categoria é natural, restrita ou estável, todas fazem parte de algum tipo de discurso relacionado com uma ou mais culturas e estabelecido dentro de um contexto histórico.

Além da identificação com o conceito, nome e vivências, é comum que as pessoas se adaptem fisicamente com as características de um grupo, permitindo vontades reprimidas em outros contextos, como mulheres que param de se depilar ao encontrar com o movimento feminista, ou pessoas *queer* que se permitem vestir de maneiras diferentes e menos cis e heteronormativas. Simultaneamente podem surgir novas pressões de adaptação ao padrão estereótipo, como quando as pessoas trans perdem passabilidade ao não apresentar características binárias de gênero.

Esse tipo de conflito pode fazer com que o indivíduo continue buscando as expressões de identidade ou mesmo grupos onde se sinta mais adequado, culminando numa eterna construção identitária.

7.2.7 Agrupamento

O agrupamento é uma ferramenta de fortalecimento pessoal e coletivo. Encontrar outros com características parecidas faz as pessoas se sentirem mais seguras, confortáveis e válidas, dá mais espaço para se defenderem.

O agrupamento é inerente à exclusão; para se constituir um grupo é necessária uma ou mais características em comum - e quem não possuir essas características será excluído.

7.2.8 Acessibilidade e Inclusão

Acessibilidade é um termo muito usado no contexto de adaptar locais ou situações para receber pessoas com limitações decorrentes de deficiências físicas ou cognitivas, mas quero usá-lo aqui de maneira mais livre da lógica da diferença, considerando simplesmente a diversidade humana. Tornar os espaços acessíveis a todos é a maneira mais justa de promover igualdade. Para isso é necessário prever a maior variedade de públicos possível e considerar as necessidades específicas, que podem ir desde a presença de interpretes de libras, legendas em braile e rampas de acesso a espaços que incluam mães e suas crianças,

7.2.9 Lugar de Fala/ Interseccionalidade

O feminismo e o movimento negro trazem muito o conceito de 'lugar de fala', que, resumidamente, defende a necessidade de vivência pessoal para falar de uma perspectiva. Sem ser uma pessoa negra eu não tenho nenhum poder de falar o que sente ou vive uma pessoa negra e a única forma de alcançar algum entendimento é procurar essa informação da perspectiva de pessoas negras.

O lugar de fala não só determina os níveis e interação entre diferentes discriminações, como dá espaço para acontecimentos individuais. Por exemplo, uma mulher trans, lésbica e negra terá vivências diferentes de uma mulher trans, heterossexual e branca, mas ainda assim suas vivências não representam cada uma das mulheres trans, lésbicas e negras. Classe social, cidade, país, a família e outras pessoas com quem conviveu constroem um contexto muito importante para compreender um indivíduo. Contexto esse que atuou diretamente na formação identitária de cada um.

8 CONCLUSÃO

E quem somos nós, os “estranhos”? Na verdade, somos um grupo impossível de se definir por mais que a humanidade sempre crie novos nomes e conceitos. Às vezes, suspeito que “nós” seja a própria humanidade e que como coletivo ainda não nos percebemos e assim nos ferimos buscando algo inalcançável, como um padrão restrito. A humanidade é tão rica de criatividade que recusar a diferença é matar nosso próprio potencial.

As categorias identificadas como ferramentas de exclusão e ferramentas de resistência não usadas exclusivamente por um grupo opressor ou um grupo oprimido, se tratam de características e possibilidades de interação humana. As ferramentas são usadas por praticamente todas as pessoas. Quando LGBTs excluem um conhecido de suas redes sociais ou se afastam do convívio por essa pessoa apoiar um candidato lgbtfóbico, estes estão praticando um tipo de exclusão como castigo por um comportamento inadequado. A diferença é que todas as ferramentas têm várias facetas e contextos; o peso de exclusões por homofobia e de LGBTs excluindo os homofóbicos em autodefesa é muito diferente, nenhum homofóbico é expulso de casa ou espancado até a morte.

Inclusão e exclusão são diferentes facetas das relações humanas e não são pontos binários, mas espectros complexos. Os indivíduos podem incluir e excluir um ao outro em diferentes contextos e em relação a diferentes aspectos, uma sociedade pode promover inclusão para cadeirantes e não promover inclusão para gays e assim um cadeirante gay vai vivenciar diferentes aspectos dependendo de como seu corpo é lido e entendido por outras pessoas.

Não é suficiente que eu sozinha compreenda um pouco da subjetividade desses indivíduos, é necessário que nos movimentemos como sociedade para abarcar todas as pessoas. Para que isso aconteça todos os setores, como as universidades e as artes, precisam percorrer este assunto e assim causar mudanças estruturais.

No Brasil vivemos um cenário onde muitas pessoas acreditam que direitos humanos são privilégios a serem adquiridos e facilmente se defende que alguns

grupos não merecem coisas básicas como dignidade, alimento, moradia. Defesa dos direitos humanos também é associada com comunismo e com a esquerda, quando todos deveríamos nos movimentar para garantir que qualquer um que precise de suporte o tenha. É alarmante que nosso país seja o que mais mata LGBTQ+, defensores dos direitos humanos e ambientais e o quinto na taxa de feminicídios.

Às vezes, parece que todo mundo tem medo de sair à rua, mesmo os grupos privilegiados. Grades, muros, trancas, medo de bandido, de assalto, medo de policiais, medo de estupro, de homofobia. E não há como se esconder da violência, muitas vezes ela vem das pessoas próximas, acontece dentro de casa. São constantes disputas e reafirmações de poder e de diversas formas a cultura transmite quem tem esse poder.

Ser necessário defender o próprio direito de existir é cruel. Que argumento poderíamos usar além da própria existência? Nós estamos aqui e sempre estivemos, mesmo que nos eliminem todos agora mesmo, outros irão nascer. Mas a lógica do dominante prevalece e ficamos tentando usar as ideias dentro da caixa para provar algo.

Existe muito a se explorar na capacidade de agrupamento humano, temos imensas metrópoles, países superpopulosos, e não é possível que grupos tão grandes sejam homogêneos. Também não parece certo que sejam criadas panelinhas numa disputa incessante de quem está certo. Que tipo de coletivo a humanidade caminha para ser?

Viver em sociedades contemporâneas significa aceitar a diversidade. Somos seres complexos e em transformação, mas muitas vezes não queremos falar de mudanças. A questão em que talvez possamos todos concordar é que o amor por si só não machuca, que a liberdade de expressão de gênero não machuca ninguém. Todos buscamos viver e respirar da maneira que é possível para nós. É fundamental suspender julgamentos sobre todas essas questões. (BUTLER, 2017¹¹)

9 REFERÊNCIAS

¹¹ <<https://www.uai.com.br/app/noticia/artes-e-livros/2017/11/06/noticias-artes-e-livros,216365/odio-e-censura-sao-baseados-no-medo-diz-judith-butler.shtml>> acesso em: 05/2018

9.1 REFERÊNCIAS DO YOUTUBE

9.1.1 Canais:

Ash Hardell

<https://www.youtube.com/watch?v=wV0vQPE_qyk&t=95s> acesso em: 23/09/2018

Peter the Pan

< <https://www.youtube.com/watch?v=hDwGFXg95nY>> acesso em: 27/07/2018

Jessica Kellgren Fozard

<<https://www.youtube.com/watch?v=HW4norJ-F3Q>> acesso em: 10/10/2018

Chella Man

< <https://www.youtube.com/watch?v=VEYteZ3i2wg>> acesso em: 23/08/2018

Pigeon

<<https://www.youtube.com/watch?v=W9q7ic533Vk&t=187s>> acesso em: 29/09/2018

Jackson Bird

< <https://www.youtube.com/watch?v=ABSOXepvhTA> > acesso em: 10/10/2018

Molly Burke

< https://www.youtube.com/watch?v=_EHQRcC33WA > acesso em: 17/11/2018

Canal Afros e Afins com Nátaly Neri

<<https://www.youtube.com/watch?v=pphfSckYbgA>> acesso em 10/11/2018

Ari Fitz

<https://www.youtube.com/watch?v=A8_rsnfncaM> acesso em: 12/11/2018

Stevie Boebi

<<https://www.youtube.com/watch?v=4M-PabL09Iq>> acesso em: 23/10/2018

Louie Ponto

<https://www.youtube.com/watch?v=p-Dd_ZxH6qI> acesso em: 13/11/2018

Jessica Tauane

<https://www.youtube.com/watch?v=uYvznM_SwGo> acesso em: 22/09/2018

9.1.2 Documentários

Grace Neutral discovers the Brazilian girls leading the new beauty revolution
< https://www.youtube.com/watch?v=Cja_ND2iIWl > acesso em: 23/09/2018

UglyWorldWide and the Pioneers Transforming New York's Real Beauty Industry <
<<https://www.youtube.com/watch?v=BljoPThrOrY> > acesso em: 23/09/2018

Can You Think Complex Thoughts Without Language? | 1984 - George Orwell
<https://www.youtube.com/watch?v=UqxSq19_Aw&t=2s> acesso em: 10/10/2018

The Effects Of A Gender Neutral Education | No More Boys & Girls Can Our Kids Go
Gender Free
<https://www.youtube.com/watch?v=3Y4lgKnmWSk&t=0s&index=19&list=WL> acesso
em: 18/11/2018

LGBT+ 60: Corpos que Resistem
<https://www.youtube.com/watch?v=zmmPZrOQq_o&list=PLgNzTb6N6XKpeXgCYXSMXEQVa9wr1x0wi > acesso em: 15/11/2018

MTV Docs: Transformation
<<https://www.youtube.com/watch?v=qA5fNBQNVyE&list=WL&index=16> 15/11/2018>
acesso em: 22/10/2018

9.1.3 Vídeos

No Hair, Don't Care: Women Talk About Shaving Their Heads | Get Real | Refinery29
< <https://www.youtube.com/watch?v=WzjX-ztCaTo> > acesso em: 23/09/2018

Roda de conversa sobre deficiência
Disability, Sex, Relationships and Dating Roundtable | Hannah Witton
< <https://www.youtube.com/watch?v=AvGNiwR57il> > acesso em: 10/11/2018

NERY, Nátaly. São Paulo: Vida, Sobrevivência e Sociologia, 2018.
<<https://www.youtube.com/watch?v=pphfSckYbqA>> acesso em 12/11/2018

9.2 REFERÊNCIAS DE LEITURA

The GayBC's of LGBT Ash Hardell (Mardell)
<<https://mango.bz/books/the-gaybcs-of-lgbtq-by-ashley-mardell-365-b> > acesso em
20/10/2018

Dicionário de Termos *Queer*

< <https://lgbtqia.ucdavis.edu/educated/glossary> > acesso em: 23/09/2018

Lei que facilita adoção de criança com deficiência completa 2 anos, sem muitos resultados

<<http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/noticias/DIREITOS-HUMANOS/503651-LEI-QUE-FACILITA-ADOCACAO-DE-CRIANCA-COM-DEFICIENCIA-COMPLETA-2-ANOS-SEM-MUITOS-RESULTADOS.html>> acesso em: 15/09/2018

Genocídio: a cada 23 minutos um jovem negro é assassinado no país, <<https://observatorio3setor.org.br/carrossel/genocidio-cada-23-minutos-um-jovem-negro-e-assassinado-no-pais/>>, acesso em 29/09/2018

“Homossexual está na mesma categoria que corrupto”, diz Daciolo, <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2018/10/01/interna_politica,709222/o-homossexual-esta-na-mesma-categoria-que-o-corrupto-diz-daciolo.shtml>, acesso em: 10/10/2018

“Ódio e censura são baseados no medo”, diz Judith Butler <<https://www.uai.com.br/app/noticia/artes-e-livros/2017/11/06/noticias-artes-e-livros,216365/odio-e-censura-sao-baseados-no-medo-diz-judith-butler.shtml>> acesso em: 20/10/2018

CASTELLAR, E., Poemas que fiz para não morrer, 2018. (Zine de autopublicação)

DIVERSOS, autores. Imagens de si no discurso: a construção do Ethos / Ruth Amossy (org.). – 2. Ed. – São Paulo, Contexto, 2011.

BERMÚDEZ, J, MARCEL, A. e EILAN. The body and the self – 2. Ed – USA, Compset, 1998.

PATROCÍNIO, Stela do. Reino dos bichos e dos animais é o meu nome / Stela do Patrocínio. MOSÉ, Viviane (org). Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2001.

ROGOFF, B. A natureza cultural do desenvolvimento humano - Porto Alegre: Artmed, 2005.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença, uma introdução teórica e conceitual <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4284077/mod_resource/content/1/cap%C3%ADulo%20I%20-%20Woodward%20-%20IDENTIDADE-E-DIFERENCA-UMA-INTRODUCAO-TEORICA-E-CONCEITUAL.pdf >_ acesso em: 18/10/2018

10 APÊNDICE

10.1 MAPA DE EXPERIÊNCIAS

10.1.1 Relato número 1: data 02/04/2018

Hoje o significado de colocar as coisas no lugar tá bem diferente. Talvez seja porque estou me sentindo um pouco estranha demais. No corpo não, a pintura no corpo ficou muito bonita, mas a do rosto tá me causando estranhamento. Eu fiquei tentando evitar ver meu reflexo no espelho da máquina de salgado. Tô incomodada. E parece que a estranheza das pessoas em relação a mim tá maior, tipo como se a tinta gritasse que eu sou muito diferente, normalmente essa diferença é mais disfarçada. E as pessoas estão olhando menos. Parece que eu tô tão estranha que elas têm medo de olhar. É a exclusão pela invisibilidade, como quando todo mundo desvia o olhar dos trabalhadores, garis, equipe de limpeza, pessoas em situação de rua. As pessoas não precisam ser ensinadas a excluir, no sentido de que ninguém precisa dizer pras crianças "essas pessoas são más, não olhe para elas se não elas vão te fazer mal". É um código não dito. As pessoas naturalmente ignoram aquilo que não sabem lidar. Os indivíduos fora das regras. E quando não ignoram costumam ser violentas, não há ninguém para proteger os excluídos, talvez algumas pessoas acreditem estar fazendo algo bom para a sociedade eliminando essas exceções à regra. Pensando nisso tudo minha ansiedade social está mais difícil hoje, não dá pra ficar invisível e passar despercebida como geralmente tento, e ao mesmo tempo fiquei mais invisível do que nunca.

10.1.2 Relato número 2

Só queria dizer q parece q quando eu estou pintada as coisas estão no lugar. É meio confortável e seguro. Bem louco né? Hoje eu senti uma energia do jenipapo tão gostosinha e me acalmei tanto. É como se eu estivesse de verdade no meu corpo, como se encaixasse no lugar certo. E nem sempre rola, mas agora tá rolando de tipo um medo bem grande desaparecer, como se umas dores emocionais muito profundas doessem um pouco menos e aí desse pra respirar um pouco. E ao mesmo tempo a ausência dessa dor dói, tipo dor alívio pela pausa. Tipo não importa qual a pintura, mas eu sou muito mais eu mesma. E sobre o medo e as dores emocionais eu tipo n

sei o q são. Eu tô sempre com muito, muito medo de algo q n é real. Não tenho muito descanso disso, sempre que paro pra prestar atenção está lá. Mas talvez não seja algo que dure sempre, mas que vá passando a medida q eu preste atenção mais vezes.

10.1.3 Relato número 3

Um dia li um texto desabafo no facebook sobre corpos gordos e transporte público. Sobre a dificuldade e a exclusão. A autora do texto falava sobre o constrangimento em não passar pela catraca do ônibus, sobre o assento preferencial, que é uma única poltrona para dois lugares, ser o único que lhe servia. Principalmente sobre as pessoas incomodadas ao sentar ao lado de uma pessoa gorda sem conseguir evitar tocar em seu corpo e acabarem desistindo e se retirando do assento. Para quais corpos foram elaborados os espaços construídos pelo homem? Pode ser uma luta imensa sair de casa diariamente.

10.1.4 Relato número 4

Na minha casa as pessoas quase não habitam o espaço comum, este é dominado pelos gatos. Todo mundo chega em casa, come e depois se tranca no próprio quarto. Uma das coisas que faziam a família interagir mais era ter uma TV e ai assistíamos juntos as vezes, mas até nesse espaço tinha disputa por poder, alguém ia decidir o que passava na TV. O que determina a capacidade das pessoas em dominar o ambiente? O que faz os homens tão determinados em brigar por controle?

10.1.5 Relato número 5

Dentro do meu processo de bloqueio, não só a linguagem falada foi afetada, mas toda a expressão corporal. Gestos são capazes de demonstrar tanta informação e ao mesmo tempo sentia medo de expor minha vulnerabilidade e de não conseguir agir de acordo com o que deveria.

É bastante contraditório ter medo de não agir de acordo com o padrão, porque não tenho um grande interesse de me encaixar e ser aceita, a vontade é mais que minha maneira de ser seja aceita. Essa pressão de uma forma adequada de comportamento pode abalar bem profundamente o bem-estar de qualquer indivíduo desviante.

10.1.6 Relato número 6, 24/10/2018

Ontem, no metrô, uma mulher com um bebê sentou do meu lado. O bebê devia ter entre dois e três anos e já falava várias palavras. Quando passou por mim o bebê apontava e repetia várias vezes “Menino! Menino!” e a mãe o corrigiu imediatamente dizendo “Não, filho! É uma menina. Fala oi pra ela! Oooi!”. Durante o trajeto essas duas falas se repetiram algumas vezes.

Costumo ficar ansiosa pensando que posso ser expulsa do vagão feminino ou causar alguma cena sendo confundida com um homem por causa do meu cabelo curto e estilo de roupas. Não sei se eu quero ser reconhecida como um menino ou não, na maioria das vezes eu me divirto ou sinto algum prazer quando isso acontece, mas eu sempre fico incomodada quando alguém corrige a pessoa que me identificou assim.

Eu me senti constrangida quando ela falou que eu era uma menina, mesmo que não tenha sido hostil, nem debochada. Também não sei que resposta eu gostaria que ela desse. Nessas situações minha mãe que costuma falar “Ela é uma menina!”, o que sempre me lembra a cena clássica onde alguém confunde o gênero de um bebê ou usa pronomes errados e a mãe fica furiosa, essa associação me deixa ainda mais angustiada.

É realmente exaustivo falar de gênero, sexualidade e direitos básicos o tempo todo, eu não quero fazer isso, porém me sinto sem opções, como se fosse necessário comprovar constantemente que eu existo, que minha existência não é uma ofensa a ninguém e que eu posso fazer com a minha vida o que quiser. Sempre me pesa e fere bastante ver tanto sofrimento e injustiça pelo mundo.

Muito antes de entender que faço parte de um grupo bastante vulnerável, como mulher que sente afeto por mulheres e em não conformidade de regras de gênero, eu já sentia um grande peso no olhar das outras pessoas, havia algo errado que me fazia sentir diferente demais. Desenvolvi algum nível de fobia e ansiedade social, era tanto medo que estar perto de pessoas e lidar com elas era muito exaustivo. Vivi uns anos num constante estado de alerta esperando algum ataque vindo de qualquer lugar e querendo fugir de todo mundo.

Para mim é uma batalha constante acreditar que eu posso existir como sou e sair de casa todos os dias, habitar espaços públicos. Ambientes como o Plano Piloto são hostis, tudo nele diz que não é um espaço feito para ninguém da periferia. Quando comecei a estudar na UnB, não tinha visitado muito esse espaço e conhecia muito pouco, mesmo tendo nascido e vivido a vida inteira no DF, me sentia uma invasora, não pertencente. Também é preciso enfrentar 4 horas de transporte público todos os dias, o que é bastante exaustivo. Não vivenciei muito o ritmo de vida em outros lugares, mas tenho a impressão de que o Distrito Federal é como se fosse uma única cidade, e uma bem pequena, é um ritmo de cidade do interior e cidade grande misturados. A realidade em qualquer outro lugar é de mais horas de transporte e uma distância muito maior.

11 ANEXOS

11.1 MAPA DE EXPERIÊNCIAS

11.1.1 Relato número 7

Eu me sinto em casa no meu corpo. Minha disforia desapareceu. Eu me sinto tão mais leve porque todo aquele peso, mental e físico, se foi. E agora eu fico com esse corpo lindo, que eu jamais vou ficar como garantido. Todos os dias eu vou me certificar de comer comidas a base de plantas. E me exercitar. E as cicatrizes! Eu, honestamente, estou apaixonado por elas. (...) Porque eu, honestamente, acredito que essas cicatrizes são algo que eu deveria ter muito orgulho. Obtendo estas, eu apenas adiciono mais 2 cicatrizes ao meu corpo. (...) Eu tenho cicatrizes bem grandes nos dois lados da minha cabeça. Devido às minhas cirurgias de implante coclear. (..) e eu amo essas cicatrizes, tanto quanto estas. (...) É quase como se eu levantasse de uma camiseta dizendo assim: Eu sobrevivi à desmantelagem do gênero binário.” (CHELLAMAN, 2018)

11.1.2 Relato número 8

Eu me amo e amo minha vida. Mas eu não me lembro de ser deficiente, até que, como na noite de terça-feira quando eu aterrissei no LAX e um motorista de táxi não me deixa entrar por conta do meu cão-guia, ou em um restaurante e alguém pergunta ao meu amigo o que eu quero comer em vez de me perguntar. Quando penso em quantas pessoas com deficiência lutam para conseguir emprego. (...) Isso parte meu coração e eles se, como eu, se sentem normais, mas muitas pessoas não me veem assim. (MOLLY, 2018)

11.1.3 Relato número 9

Porque seria maravilhoso se a gente pudesse viver assim sem se definir, sem dar satisfação da nossa vida pras pessoas. Se a gente pudesse simplesmente ser. (...) As vezes se rotular é uma atitude política. Porque a gente vive numa sociedade com valores conservadores, machista, preconceituosa, excludente, heteronormativa. E existem mecanismos de

invisibilização de certos grupos sociais. Um desses mecanismos é a negação da existência dessas pessoas. (...) Tudo que você olha é heterossexual. (...) Muitas vezes a gente não consegue nem se perceber uma pessoa não heterossexual. (...) Quando você não fala sobre a sua sexualidade, o mundo inteiro presume que você é heterossexual. (LOUIE, 2016)